

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

FLÁVIA SILVA DOS SANTOS

**O LÚDICO, A DANÇA BRASILEIRA FORRÓ PÉ DE SERRA,
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ESCOLA:
relações e contradições**

FLORIANÓPOLIS
2018

FLÁVIA SILVA DOS SANTOS

**O LÚDICO, A DANÇA BRASILEIRA FORRÓ PÉ DE SERRA,
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ESCOLA:
relações e contradições**

Trabalho apresentado como requisito para aprovação na disciplina Seminário de Conclusão de Curso II (DEF5875), do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iracema Soares de Sousa.

FLORIANÓPOLIS
2018

FLÁVIA SILVA DOS SANTOS

**O LÚDICO, A DANÇA BRASILEIRA FORRÓ PÉ DE SERRA,
A EDUCAÇÃO FÍSICA E A ESCOLA:
relações e contradições**

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em
Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina CDS/ UFSC

Banca examinadora:



Orientadora Prof.^a Dr.^a Iracema Soares De Sousa
CDS/UFSC

Membro Prof.^a Dr.^a Luciana Fiamoncini
CDS/UFSC

Membro Prof.^a Amanda Caroline de Miranda

Membro suplente Prof. Ageniana Espíndola

Florianópolis, 29 de junho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado essa oportunidade e por ter conseguido concluir o curso de Educação Física Licenciatura, aos meus pais Valmira e João, por me darem todo o suporte para realizar esta etapa em minha vida, não medindo esforços para que eu conseguisse concluir o curso, ao meu namorado Nelson que esteve presente em todos esses momentos, tendo muita paciência, por sua parceria e compreensão, estando sempre pronto a me ajudar.

À todos os professores que tive oportunidade de cursar sua disciplina durante o meu período de graduação, assim como aqueles que muito me ensinaram em projetos, como no Projeto Recreio e o Projeto Dança Brasileira Forro Pé de Serra.

Em especial, agradeço a professora Iracema Soares por sua paciência e pelas horas de estudos e explicações para que nós estudantes entendêssemos não só o forro, mas todas as relações históricas e humanas que foi possível ver pela experiência que obtive nas aulas no projeto. Por sua bagagem de conhecimento, por sua dedicação em ensinar, sua humildade, e por todas as oportunidades que foram proporcionadas, desde conhecer a alegria do forro, como a possibilidade de conhecer uma prática pedagógica que pode transformar as pessoas, pela oportunidade de fazer parte do Projeto Dança Brasileira Forro Pé de Serra, e pela orientação nesse trabalho.

Agradeço ao professor Edgard Matiello, por todas as reflexões realizadas no Programa de Educação Tutorial (PET), pela experiência que eu tive em subir o Morro da Caera do Saco dos Limões, onde foi possível entender melhor a realidade histórica, social e econômica das condições de vida dos escolares uma determinada escola pública de Florianópolis. Pelo trabalho na sala do equilíbrio e intervenções na mesma escola, onde pude ter maior contato com as crianças. Momentos como este, dentre muitos outros que não caberiam contar nesse momento, mas que me permitiram riquíssimas reflexões, assim como entender mais a importância e o papel do professor na escola, assim como possibilidades de ensino para educação física escolar em uma perspectiva de mudança, de superação.

Agradeço aos colegas de faculdade (incluindo o Panela), pelos momentos que passamos juntos durante todos esses anos, todos de alguma forma contribuíram para que esse período fosse mais prazeroso.

Aos meus amigos e companheiros de discussões e reflexões em trabalhos Maycon, Laís, Amanda, além da aproximação com os colegas Thiago e Maria Eduarda, nesses últimos momentos da graduação, gostei muito da parceria que fizemos.

Em particular o Maycon, pelas ricas experiências que tivemos juntos em quase todas as disciplinas, pelas explicações antes das provas que me deixavam mais segura, menos nervosa para realizá-las, obrigada pelas brigas, discussões, e claro pelos momentos divertidos e alegres que passamos juntos, que tenho certeza que nos tornou não só professores mais capazes, mas também pessoas mais humanas.

A Laís, pelas parcerias no Projeto Recreio, por iniciarmos no Colégio Aplicação e desbravar uma área para nos ainda nova, a da inclusão (em um projeto piloto). Agradeço também pela parceria no Projeto de Dança Brasileira Forro Pé de Serra, no Programa de Educação Tutorial (PET), e agora mais recentemente na Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC). Pela companhia nas viagens de estudo, pelas discussões e reflexões, principalmente as que envolveram tudo aquilo que mais gostamos, dança, inclusão, educação, diversão, e por choramos juntas nos momentos mais difíceis da graduação, ao mesmo tempo, pela alegria que não deixamos esmorecer.

A Amanda pela parceria no PET, no Colégio de Aplicação fazendo parcerias no estágio não obrigatório que lá realizamos, na aula de Libras, na aula de ballet, e nas discussões sobre a educação inclusiva e educação física adaptada, por me lembrar das tarefas, por esta sempre a frente, sempre me dizendo antecipadamente, bem antes da data da entrega, em praticamente todos os trabalhos “eu já fiz o trabalho amiga!”.

Agradeço também a Ageniana pela parceria no Projeto de Dança Brasileira Forro Pé de Serra, por sua alegria e dedicação, que muitas vezes me socorreu ajudando nas aulas, nas monitorias do projeto, nesse processo demasiado conturbado do fim da graduação. E obrigada por me apresentar o Grupo Vivaz, estou amando fazer parte desse grupo de dança!

Agradeço a oportunidade de participar do Projeto Recreio, do Programa de Educação Tutorial e do Projeto de Extensão Dança Brasileira Forro Pé de Serra que com certeza fizeram uma grande diferença para minha vida profissional e pessoal.

Agradeço também aos monitores Kauan e Amanda que me ensinaram a dançar de forma espontânea e sensível, com criatividade e alegria.

Agradeço as professoras que fizeram parte da Banca da minha monografia, Professora Dr.^a Luciana Fiamoncini, Professora Amanda Caroline de Miranda e Professora Ageniana Espíndola, obrigada pelas correções e sugestões que, com certeza, enriqueceram mais esse trabalho.

Agradeço aos meus amigos, Paola, Jaqueline, Gisele, Michelle e Mirielli, ao meu namorado, e familiares, incluindo aqui minha irmã Ariana, irmão Diogo e sobrinho Luiz que me apoiaram e entenderam minha ausência por ter que ficar estudando. E a todos aqueles que de alguma forma me ajudaram com uma palavra, ou uma experiência transmitida, um abraço, um sorriso que, com certeza, puderam melhorar o meu dia.

RESUMO

A presente pesquisa aborda as dificuldades e possibilidades no ensino da dança (o processo pedagógico) a partir do lúdico e da Dança Brasileira Forró pé de serra para se trabalhar na escola tendo como referência principal a experiência realizada no projeto de extensão desenvolvido no Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pontuamos as relações entre as teorizações encontradas na literatura publicada e as contradições com a nossa prática. De modo que conhecermos porque atividade lúdica de certa forma é desconhecida e insuficientemente utilizada, apesar de se constituir uma possibilidade de educação de promoção humana (transformadora). Isso tudo compôs-se em nossa problemática. Fizemos uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo. As elaborações fundamentais foram conseguidas a partir da concepção do materialismo histórico dialético. Levantamos dados empíricos em um campo constituído por relatórios das aulas dadas, relatórios anuais do projeto de extensão, livros e pesquisas publicadas sobre o assunto em geral, dentre outras fontes. A análise foi elaborada a partir de categorias elaboradas teoricamente *a priori* e *a posteriori*. Constatamos algumas dificuldades, a mais frequente foi a que diz respeito a formação de professores de educação física dirigida à área da dança. A avaliação por sua comunidade foi a de se apresentar frágil, superficial e diminuta. Na conexão com a atividade lúdica identificamos uma lacuna tanto de ordem conceitual quanto de ordem prática. Foram perceptíveis os preconceitos em relação à atividade lúdica que a subtendem como uma atividade marginal e fora do processo pedagógico. Vale dizer, o vazio conceitual é nítido e, na prática, tratam o assunto pelo senso comum, caracterizando a atividade lúdica como uma coisa menor e de fácil manejo, ou seja, os nexos pedagógicos são desconhecidos. Portanto, precisamos preencher essas lacunas por meio de estudos e pesquisas orientados para a fundamentação da prática pedagógica. A incoerência pedagógica desta visão esconde as ricas possibilidades de o lúdico proporcionar uma prática pedagógica situada pelo compromisso sócio histórico de uma educação transformadora e para a emancipação dos seres humanos em sua possibilidade crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Atividade Lúdica. Dança. Forró pé de serra. Educação transformadora. Escola.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Nº de Artigos por Palavras Chaves.....	21
Quadro 2- Artigos – Informações Empíricas.....	21
Quadro 3- Atividade Lúdica – Dança- Educação Física – Escola.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema.....	13
1.2 Objetivos.....	13
1.2.1 Geral.....	13
1.2.2 Específicos	14
1.3 Justificativa	14
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	17
2.1 Tipo de pesquisa.....	17
2.2 Campo da investigação	19
2.3 Coleta dos dados	19
2.4 Categorias de Análises.....	20
3. A DANÇA, A EDUCACAO FISICA E A ATIVIDADE LUDICA, PRATICA PEDAGOGICA DE CONTRADICOES PERSISTENTES.....	28
3.1 A dança brasileira Forró pé de serra e a experiência no CDS/UFSC.....	28
3.2 Dança, educação física e o lúdico, algumas abordagens teóricas.....	33
3.3 A dança na escola e a Educação Física, vazios teóricos- metodológicos	43
3.3.1 Dança educação física e eventos escolares, espetáculos x processo pedagógico.....	44
3.3.2 Dança e formação de professores	46
3.4 Dança e a relação com o lúdico.....	50
3.5 Dança e a relação com o lúdico nas possibilidades educativas	56
3.6 Dança na escola educação transformadora para a emancipação social..	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXO A - Artigos analisados e seus respectivos autores.....	75
ANEXO B - Artigos e seus respectivos autores encontrados a partir das categorias de análise a priori.....	79

1 INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 abordam que tanto as disciplinas de Educação Física quanto a da Educação Artística deveriam incluir práticas de atividades lúdicas contextualizadas na prática pedagógica, assim como também a dança, porém, ainda é sutil esse espaço (MOREIRA E SCHWARTZ, 2009).

A dança beneficia o relacionamento humano, por ela é possível se comunicar de variadas maneiras, e assim semelhante à arte ela integra o físico (o corpo), a mente e o espírito num ato de criação e expressão. Nas escolas, nas aulas de Educação Física, infelizmente, ainda é perceptível que a dança aparece apenas em datas comemorativas, como parte de eventos (SCARPATO, 1999).

O lúdico, dentre suas qualidades, está a possibilidade de proporcionar espontaneidade, despertar alegria, leveza, promover a liberdade e a criatividade. Huizinga (2014, p. 33) um dos estudiosos mais conhecidos sobre o lúdico, nos chama atenção sobre as características do jogo, ou da brincadeira, ou do lúdico, e/ou da atividade lúdica.

É uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.

Percebemos uma forte ligação entre a atividade lúdica e a dança, porém, há um vazio teórico (a teoria não tem dado conta de se concretizar na prática), e são raras as iniciativas encontradas na escola que trabalhe a dança e a atividade lúdica buscando a promoção humana. Nessa linha de pensamento percebe-se cada dia mais o abandono do brincar, da atividade lúdica nas aulas de Educação Física, que muitas vezes são realizadas como momentos de brincadeira livre, ou seja, reprimindo toda a potencialidade que o lúdico pode trazer quando utilizado em sua plenitude, as características que o compõem.

De acordo com Krischke e Sousa (2004 p. 25) “o modo de produção da existência no capitalismo, por seus diversos meios de controle ideológico, absorve as manifestações culturais”, e é nesse sistema de produção que o lúdico é visto

como uma atividade improdutiva. Assim, atividade lúdica é desvalorizada por muitos, pois a consideram como momento de improdutividade.

Com a disciplina/mecanização dos corpos e comportamentos, o que vai mercantilizando e deixando as relações humanas e sociais artificializadas, não havendo mais espaço para que crianças e adultos criem e produzam por meio da linguagem lúdica (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2014).

A aproximação com a dança e o lúdico chegou à minha formação de duas maneiras, a primeira aconteceu no segundo semestre do curso ao ter ingressado como voluntária no Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra. Nas reuniões de estudos com a Prof.^a Dr.^a Iracema Soares discutíamos a proposta teórica e metodológica das aulas de dança realizadas no referido projeto que possui como recurso teórico e metodológico, o lúdico. Johan Huizinga (2014), autor do livro *Homo Ludens* era o que fundamentava as explicações sobre as principais características da atividade lúdica, mesmo a professora explicando os limites dessa obra. A segunda oportunidade de estudar o lúdico foi por meio da disciplina Jogos e Brinquedos da Cultura Popular, cujo trabalho de avaliação foi realizar a leitura de um livro e apresentar a sua síntese. Fazia parte dos livros disponíveis para o estudo o livro *Homo Ludens* (Johan Huizinga, 2014) e, como ele já havia me despertado curiosidade anteriormente nas reuniões de estudo do Projeto de Forró, escolhi esse livro para o trabalho e assim dei continuidade a um estudo que pretendia me aprofundar.

Em minha experiência no Projeto Dança Brasileira Forró Pé Serra, por ter a atividade lúdica como elemento pedagógico, percebi a forma transformadora que age, modifica as relações dos participantes, facilita o processo de sociabilização, do se conhecer mais, e também conhecer melhor os outros, e onde a espontaneidade e o processo criativo é valorizado. É uma aula mais orgânica que tem o foco no processo de aprendizagem, e visa quebrar uma barreira construída em nossa sociedade do individualismo, competição exacerbada, que leva a falta de empatia, de sensibilização com o próximo. E, para enfatizar bem, é uma aula que se aprende a técnica de uma maneira descontraída, se aprende brincando.

Por tudo isso fui me dando conta da importância das escolas disporem de uma proposta pedagógica contextualizada e baseada numa teoria e em uma prática transformadora cujos alunos são considerados sujeitos participantes e atuantes no

processo de ensino, que possibilite a reflexão do conhecimento, proporcionando autonomia, criatividade e o pensamento crítico.

Olivier (1999 apud Moreira e Schwartz, 2009, p. 209) aborda em seu estudo a reflexão que se modifique na escola a visão que traz uma dicotomia entre as seguintes antíteses: obrigação e prazer, presentes nas instituições escolares, que passam a funcionar como um local de “pré-para-ação”, por impor à lógica do “depois”, primeiro as tarefas (obrigações) e depois o prazer (a diversão). Ainda segundo esses autores a escola ensina valores ideológicos já prontos como, por exemplo, a racionalidade, a produtividade, a competitividade, aos quais as crianças, não têm participação na construção do conhecimento, não sendo possível que desenvolvam sua autonomia e criatividade.

Como já comentado as práticas de atividades lúdicas contextualizadas na prática pedagógica, ainda são embrionárias na disciplina de Educação Física e a dança é abordada principalmente em datas festivas. Por este motivo vemos a importância estudar mais a fundo a relação entre o Lúdico, a Dança, a Educação Física e a Escola vêm ao encontro desse compromisso, de aprofundar e sistematizar o máximo uma prática pedagógica crítica e transformadora.

Portanto, por termos experiência já efetivada e que é realizada no Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra, há aproximadamente dezesseis anos no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, vemos que é de fato possível, por meio da atividade lúdica, obter repercussões visíveis nos alunos, como por exemplo, possibilitar por meio da dinâmica da aula o aluno perca o medo de se aproximar do colega, porém, fora desse ambiente vê-se muita contradição referente à atividade lúdica. Uma das contradições considerada a mais séria, é o tratamento de senso comum efetivado tanto nas instituições escolares como na área da Educação Física sobre a atividade lúdica. Segundo Alves e Sommerhalder (2010) e Krischke e Sousa (2004) é comum encontrar afirmações que consideram que são atividades voltadas para as crianças, ou atividades improdutivas, dentre outras questões. E conforme Miranda (2015) outra contradição é o déficit de trabalhos produzidos de forma rigorosa para auxiliar a prática pedagógica de forma consistente, rigorosa e responsável. Vale dizer, uma teorização que seja de uma prática e não de forma metafísica, somente nas ideias, como vemos majoritariamente.

Ao termos como papel da educação de colocar-se a serviço de uma formação social no meio de uma formação até então dominante (SAVIANI, 1983, p. 27-28 apud KRISCHKE e SOUSA, 2004, p.24) vemos o desconhecimento e ausência dessas discussões no âmbito da educação física, atividade lúdica e escola-educação.

Neste sentido vemos a escola-educação como um espaço de conhecimento, cuja socialização da cultura, já acumulada pelo desenvolvimento da ciência e da civilização deve atender à formação de cidadãos críticos, autônomos e transformadores. Prontamente, percebemos a conexão entre a atividade lúdica e/ou uma prática de promoção humana comprometida com as transformações tão necessárias aos seres humanos atuais. No contexto dessas indagações e questionamentos deparamo-nos com um problema que serve de condução para se encontrar respostas para o ensino da dança numa perspectiva lúdica.

1.1 Problema

Por que o ensino da Dança Brasileira Forró Pé de Serra, tendo como pressuposto teórico e recurso metodológico a atividade lúdica, é tão desconhecido e insuficientemente utilizado na escola, apesar de se constituir como uma possibilidade de educação de promoção humana?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Conhecer as dificuldades e possibilidades no ensino da dança (o processo pedagógico) a partir do lúdico, que possam existir para o seu ensino na escola tendo como referência principal a experiência realizada no Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra, assinalando as relações entre as teorizações encontradas na literatura publicada e as contradições com a nossa prática.

1.2.2 Específicos

- a) Pontuar a problemática/dificuldade da Dança e a Educação Física em relação ao seu foco teórico tendo em vista à prática pedagógica nas publicações pesquisadas;
- b) Desocultar a relação íntima entre a atividade lúdica e a dança escola/educação, o que falam e as contradições observando as lacunas fundamentais perceptíveis nas publicações pesquisadas;
- c) Ressaltar a importância e a necessidade de se ensinar a dança, a partir do lúdico, na Escola, considerando as contradições na relação teoria e prática, prática e teoria ao explicitar as aproximações da Dança Brasileira Forró Pé de Serra como uma educação de promoção humana e possibilidade crítica.

1.3 Justificativa

A dança, para mim, é muito além de um hobby é uma paixão. Tive experiência com algumas modalidades de dança no ensino informal, a aula de jazz, zumba, ballet e o Forró Pé de Serra, este último, conheci na Universidade Federal de Santa Catarina, no segundo semestre do curso e por ele me apaixonei.

Na disciplina Fundamentos Teórico- Metodológicos da Dança, na 4ª fase, aprendi sobre as possibilidades de se trabalhar a dança na escola, por meio de uma prática não excludente, que preze a essência de cada um, levando a improvisação, favorecendo a criatividade e a sensibilidade de cada sujeito que traz consigo todo um contexto histórico e social.

Também durante minha participação como estagiária (estágio não obrigatório) no Projeto Recreio¹, no qual tive a oportunidade de levar a dança buscando as potencialidades e criatividade dos alunos com e sem deficiência. Além de ter incluído a dança, nas intervenções que realizei nas aulas ministradas no Estágio

¹Projeto Recreio- projeto realizado nas horas do intervalo no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, que tinha como objetivo principal de realizar a inclusão no recreio para estudantes com deficiência, TEA, altas habilidades.

Supervisionado em Educação Física Escolar I (estágio obrigatório), na Escola de Educação Básica Getúlio Vargas.

Essas experiências deram uma contribuição substancial, principalmente durante minha formação, pois percebi que a dança possibilita diversas conexões formativas que permitem o desenvolvimento e a aprendizagem de maneira integral, corpo e mente, sem dicotomia.

Contudo, o que mais me incentivou na escolha por esse tema foi devido à oportunidade de participar do Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra, como parte de minha formação nesta Universidade a qual envolveu várias particularidades. Uma delas é participar da realização do ensino da dança num processo pedagógico fundamentado na atividade lúdica como pressuposto teórico e metodológico. A partir de minhas experiências no Projeto, considero a atividade lúdica uma prática deveras instigante e importante para o ensino em sua relação com a Educação Física.

A prática pedagógica no Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra, não exclui a necessidade de elaboração teórica, e acontece numa realidade social, contextualizada historicamente e cheia de determinantes com diferentes matizes. A sua essência é dialética, dinâmica, ou seja, as aulas são elaboradas a cada semestre de acordo com cada grupo de alunos, de acordo com as necessidades provenientes da realidade prática e no decorrer das aulas vamos elaborando e reelaborando todos os procedimentos. Portanto é necessário um substrato teórico rigoroso, se não, torna-se uma prática acéfala, puro empirismo.

E, nesse sentido, nos deparamos com mais um elemento importante que precisa ser resolvido: a falta de sistematização teórica da própria prática, portanto, não se consegue avançar, superar as dificuldades na relação prática versus teoria, teoria versus prática. Para tanto, é condição a profundidade do conhecimento, contudo percebe-se a falta de estudos que possam destravar esse vácuo, já antigo em nossa área, a da Educação Física. Dessa forma queremos contribuir para esse avanço. Logo, essa pesquisa tem esse compromisso de contribuir para a sistematização de uma prática pedagógica fundamentada no lúdico.

Haja vista o exposto e considerando a dificuldade de se encontrar estudos que expliquem e auxiliem a prática pedagógica fundamentada no lúdico, a partir de uma conexão com o concreto, e não somente no plano das ideias, é que surge esta

pesquisa para trabalhar com o Lúdico de forma consistente e bem fundamentada.

Das minhas experiências como monitora surgiram algumas questões, dentre elas a dificuldade dos alunos em participar do lúdico, assim como a marginalização dada à atividade lúdica de forma sutil e, por vezes, por desconhecimento dos avanços humanos que se consegue com esta prática.

Dessa maneira, esse estudo, buscou uma fundamentação/sistematização teórica para sustentar um conhecimento científico no sentido de se ultrapassar o “senso comum” e contribuir para a não “discriminação” ou o tratamento da atividade lúdica e da dança em uma “perspectiva marginal” ou, simplesmente, como momento de livre vontade, apenas. Ou, no caso da Dança ultrapassar a concepção de se aprender a dançar somente para espetáculos. Portanto, vemos também a necessidade de explicitar a possibilidade de se trabalhar com a dança na Escola comprometida com um processo educativo. Além de estabelecermos um compromisso com a nossa cultura, prestigiaremos o processo pedagógico de promoção humana em que cabe, perfeitamente, a atividade lúdica como um componente de capacitação de criatividade e dessas potencialidades humanas.

Assim, dialeticamente avaliamos o conhecimento científico também como o desencadeador das transformações sociais, vale dizer, só conhecendo é que conseguiremos transformar. Nesse sentido o resgate e a valorização da atividade lúdica como uma necessidade humana, que pode e deve ser trabalhada de forma educativa, é o nosso maior desafio científico. Algo pertencente aos mundos natural e cultural, que estão em posições opostas, contudo, unidos na síntese da relação do homem com a natureza (trabalho) e com os outros homens (o conjunto das relações sociais).

Uma educação para a humanização do homem e não a naturalização da exploração do homem pelo próprio homem.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa segue linha teórica materialismo histórico dialético, que tem a visão de homem como um ser social e histórico, que por sua vez “deve ter presente em seu estudo uma concepção dialética da realidade natural e social e do pensamento, a materialidade dos fenômenos” (TRIVINOS, 1987). O método da abordagem dialética é marxista e por isso analisa “[...] os contextos históricos, as determinações socioeconômicas das situações de vida, as relações sociais de produção e de dominação com a compreensão das relações sociais” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016 p. 24). Portanto, essa pesquisa busca conhecer os processos, as influências, as relações e contradições que cercam o fenômeno: dança e atividade lúdica nas publicações de revistas e tendo como base de informação da prática a experiência das aulas realizadas no Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra I e II, situação essa que torna exequível a análise tendo em vista que essa prática já acontece há dezesseis anos nesta Universidade.

Nesta perspectiva esta pesquisa é de cunho dialético e para ser definida e explicada é preciso considerar que existe um processo de trabalho em espiral, ou seja, inicia-se quando o assunto começa a ficar presente em nosso pensamento, mesmo sem ainda se dar conta a pessoa já está iniciando a teorização, a sistematização, condição essa que precisa ser ultrapassada, para aí conseguirmos imprimir o caráter científico, ou seja, dos pensamentos fragmentados chegarmos a um alinhamento de explicações que deem coerência interna e solução, mesmo que parcial, às inquietações levantadas.

Segundo Trivinos (1987) e Minayo (2016) o conhecimento científico não tem fim, mas, em nosso caso, temos que definir um limite por conta deste trabalho de atender a uma necessidade acadêmica e assim ter prazos para atendê-los.

Quando o assunto está sendo constantemente pensado encontramos uma pergunta, ou mesmo uma questão (TRIVINOS, 1987) cuja resposta ou respostas precisam de um estudo variado para se obter as soluções, mesmo que parciais. As respostas finais só serão dadas, no final da pesquisa. Porém, nesse processo uma questão pode dar origem a novas questões, ou seja, a construção do conhecimento

acontece com novos estudos, novas pesquisas, novas críticas e reflexões, não acontece de maneira fechada, há várias influências relações que devem ser conhecidas e colocadas que interferiram na construção e definição do objeto de estudo.

Assim, esse estudo pela sua natureza qualitativa, não tem finalidade de contar opiniões ou pessoas, nem experimentar teorias, como na pesquisa empírico analítica de cunho positivista, o nosso foco é na exploração do conjunto, da totalidade e em “representações sociais sobre o tema que se pretende investigar”. (MINAYO, 2012, 2014 apud MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016 p. 72)

Esse estudo também é definido como exploratório por proporcionar “um maior conhecimento do pesquisador com o problema, possibilitando torná-lo mais explícito” (SELLTIZ et al, 1967, p. 63 apud GIL, 199 p. 45). Por isso nos aproximamos do fenômeno por meio do estudo na literatura para assim obter os dados, informações a serem analisadas, para que possamos explorar e se apropriar ao descrever a totalidade que compõem o fenômeno dessa pesquisa.

Trivinos (1987) explica que os estudos exploratórios nessa aproximação permitem ao investigador aumentar a sua experiência em torno de determinado problema, permitindo que a partir de uma hipótese realize o aprofundamento do seu estudo nos limites de uma realidade específica, possibilitando maior conhecimento possível para posteriormente se planejar, ou quando desejar delimitar ou manejar com maior segurança uma teoria cujo enunciado é demasiado amplo. Ainda esse autor coloca que esse tipo de investigação exploratória não exige a revisão de literatura, entrevistas, utilização de questionário, se for o caso, desde que tudo esteja dentro de um esquema elaborado com rigor científico.

Com o exposto, o presente estudo pretendeu muito além de evidenciar dados e informações, trazer uma sistematização mais apurada sobre a atividade lúdica em sua relação com a dança e a Educação Física a partir das explicações existentes e relacioná-las a uma prática concreta.

2.2 Campo da investigação

O campo de investigação desta pesquisa terá como foco principal artigos publicados em Revistas e as experiências das aulas realizada no Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra, “recorte” esse que não seria propriamente um corte, uma separação, mas um componente que, consideramos na sua totalidade, faz parte da base teórico-metodológica do projeto e que não pode ser tratado de maneira fragmentada, somente para fins de uma delimitação metodológica dessa pesquisa é que estamos denominando essa ideia com essa nomenclatura.

Na pesquisa qualitativa é um “recorte espacial que diz respeito a abrangência em termos empíricos do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação” (MINAYO, 2012, 2014 apud MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016 p. 57). Portanto, a atividade lúdica e a dança são as categorias teóricas principais que definem este campo de investigação. Para tanto é conveniente explicitar que todos os elementos que fazem parte desta prática e expressam de alguma maneira relações com a atividade lúdica formam o campo empírico, das próprias práticas lúdicas.

2.3 Coleta dos dados

A coleta de dados também é um caminho em espiral no qual seguimos um eixo para alcançarmos as informações e os dados necessários, assim passamos por um caminho dividido em três fases: fase exploratória, onde há uma maior aproximação com o assunto; fase de campo, onde se dialoga com a teoria realizada na primeira etapa, com a realidade do campo empírico; e fase de tratamento e análise dos dados, na qual se faz as interpretações dos dados (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

A partir da sistematização teórica buscamos as informações no campo empírico. Feito o levantamento de dados ordenados, classificamos os dados relacionando-os com as explicações teóricas, já sistematizadas, para conseguirmos a elaboração das categorias de análises. Os dados como explicamos nos tópicos acima, foram encontrados a partir de materiais como os relatórios das aulas dadas, relatórios anuais do projeto, a prática pedagógica no projeto em 2018/1, livros e

pesquisas sobre o assunto, dentre outras fontes que serviram de fonte de informação.

2.4 Categorias de Análises

Posteriormente a essas etapas de aproximação do fenômeno elegemos as categorias de análises, que poderiam ter sido feitas previamente, porém nessa pesquisa as categorias teóricas definidas *a priori* foram: a atividade lúdica, a Educação Física, a dança brasileira forró pé de serra, escola.

Segundo Trivinos (1987, p. 123),

A ausência de hipóteses rígidas *a priori*, que deviam ser empiricamente verificadas, [...] obrigou o pesquisador a ter um conhecimento geral aprofundado da realidade que servia de contexto ao foco em estudo e dos suportes teóricos principais que guiavam sua ação. Isto permitiu a flexibilidade para formular e reformular hipóteses a medida que se realiza a pesquisa.

Ainda este autor, afirma que na pesquisa qualitativa a ausência de hipóteses rígidas permite que as questões levantadas no início possam ser reelaboradas de outra maneira, ou em parte ou totalmente substituídas, conforme o os resultados e evidências que vão sendo encontrados (TRIVINOS, 1987). Portanto, as categorias empíricas foram definidas após a coleta de dados (*a posteriori*).

As categorias de análises empíricas elaboradas para encontrar as respostas para o presente estudo foram pesquisas já realizadas na área da Educação Física na Revista Motrivivência e Revista Movimento, e também foram selecionados alguns artigos da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, a partir de um dos artigos lidos da Revista Motrivivência, dentre outros bancos de dados on-line encontrados aleatoriamente que se referissem as categorias que compõem o assunto estudado.

Dentre os artigos lidos da Revista Motrivivência o artigo “Dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2014)”, por se tratar de artigos importantes para a pesquisa selecionamos desse estudo quatro artigos citados que estavam separados nas categorias dança e educação, e dança e arte, devido ao fato de trazer o lúdico em sua relação com a dança.

No decorrer da pesquisa outros artigos foram selecionados por serem importantes para o estudo, e não terem sido achados nas Revistas banco de dados

teóricos principais para o presente estudo, ampliando um pouco mais a visão do que se tem produzido até então na área da Educação Física sobre o tema.

Para a seleção dos artigos, nas Revistas utilizamos as palavras-chaves: lúdico e a educação física, atividade lúdica e a educação física, forro e escola, dança e atividade lúdica, lúdico e dança, dança e escola, dança e jogo, dança e educação física. Assim, neste primeiro momento nos deparamos com alguns artigos divididos entre as palavras chaves, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1: Nº de Artigos por Palavras Chaves

REVISTA	MOTRIVIVÊNCIA	MOVIMENTO
Palavra chave	Nº Artigos	Nº Artigos
Lúdico e Educação Física	8	2
Atividade Lúdica e Ed.Física	1	1
Forró e Escola	0	1
Dança e Atividade Lúdica	0	0
Lúdico e Dança	1	0
Dança e Escola	21	29
Dança e Jogo	1	3
Dança e Educação Física	28	34

Fonte: autoria própria

O Quadro um, mostra o que foi encontrado por categoria de análise. A partir, disso fomos para a leitura dos resumos, neles já fomos excluindo as pesquisas que não tinham relação com nosso objetivo.

Posteriormente, vimos os artigos que se repetiam entre as categorias de análise acima descritas.

Quadro 2: Artigos – Informações Empíricas

REVISTA	REVISTA	OUTRAS	ARTIGOS	TOTAL
MOTRIVIVÊNCIA	MOVIMENTO	REVISTAS	DA RBCE	
16	12	6	4	38

Fonte: autoria própria

Na Revista Motrivivência foram selecionados 16 artigos relacionados ao tema dessa pesquisa, e a partir de um dos artigos encontrados da RBCE, selecionamos 4 artigos, e na Revista Movimento selecionamos 12 artigos, e por fim outros 6 de outras Revistas, com isso totalizando um total de 38 artigos que utilizados para a coleta dos dados empíricos. Esses estão todos listados a seguir:

Após a leitura dos artigos elegemos as categorias empíricas que estão organizadas logo a seguir, no quadro 3:

Quadro 3: Atividade Lúdica – Dança- Educação Física - Escola

Categorias empíricas	Nº de artigos
1.1 A Dança, educação física e os eventos	13
Dança e formação de professores	9
O lúdico e o senso comum	10
Atividade Lúdica, a Dança e o ensino	21

Fonte: autoria própria

As categorias de análise ajudaram a organizar os dados obtidos para o estudo. Seguimos as etapas que são sistematizadas por Minayo; Deslandes; Gomes, (2016) da seguinte maneira: a) Pré-análise, b) Exploração do material e c) Tratamento dos resultados/interpretação.

A Pré- análise foi realizada a partir do conjunto do material selecionado, ao qual por meio de uma leitura inicial conseguiu-se a visão do conjunto (totalidade), foi possível apreender as particularidades do material selecionado (relações), e a partir disso elaboramos os critérios iniciais que balizaram a análise e interpretação do material, escolher formas de classificação, os conceitos teóricos que orientaram a análise foram trabalhados a partir das categorias teóricas definidas *a priori*: a atividade lúdica, a educação física, a dança brasileira forró pé de serra e a escola (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

Na etapa de exploração do material realizamos as análises do pesquisador, de acordo com dados de outros estudos teóricos. Etapa de exploração que foi embasada a partir das categorias de análise teóricas gerais (já citadas acima), que a pesquisadora se sustentou para dar conta da coleta de dados e com isso foi possível analisar e eleger os dados por meio de uma nova classificação, que foram as “novas categorias” representadas nos títulos de item e subitem do capítulo que forma o corpo deste relatório (monografia). O processo de construção dessas categorias empíricas foi concluído após a aproximação ao fenômeno, objeto de pesquisa, e, após a análise dos dados (*a posteriori*). Nesse processo se produziu conhecimento visando respostas para os objetivos da pesquisa.

Na última etapa, no tratamento, resultados e interpretação, elaborou-se uma síntese dialogando com o tema, os objetivos, questões e pressupostos da pesquisa

de acordo com a totalidade do fenômeno até aqui encontrado (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

Triviños, (1987 p. 73), direciona um caminho que possibilita a aproximação do pesquisador ao objeto de estudo, que acontece da seguinte maneira:

- a) a “*contemplação viva*” do fenômeno (sensações, percepções, representações). b) *Análise do fenômeno*, isto é, a penetração na dimensão abstrata do mesmo. Observam-se os elementos ou partes que o integram. Estabelecem-se as relações sócio-históricas do fenômeno. c) *A realidade concreta do fenômeno*. Isto significa estabelecer os aspectos essenciais do fenômeno, seu fundamento, sua realidade, e possibilidades, seu conteúdo e sua forma, o que nele é singular e geral [...]

Contudo, para a presente pesquisa a aproximação ao fenômeno, entende e considera as relações sócio-históricas, para análise e discussão das relações e contradição que abarcam o tema aqui estudado, para compreender o mesmo em sua totalidade.

A dança surgiu como fruto da necessidade de expressão e comunicação humana e era realizada em grupo, em formação de círculo onde todos executavam os mesmos movimentos, dançavam também em colunas e na formação onde um guia vai à frente conduzindo os demais (BREGOLATO, 2000 apud GRANDO; HONORATO, 2008).

O homem que ainda não falava se utilizou do gesto rudimentar para expressar suas emoções num ritmo natural. A dança na vida do homem primitivo tinha muito significado, porque fazia parte de todos os acontecimentos de sua vida: nascimento, casamento, mortes, caça, guerras (onde exibiam lutas), iniciação a adolescência, fertilidade e acasalamento (eróticas), doenças, cerimônias tribais, vitórias, paz, sementaria, colheita, festas do sol e da lua (BREGOLATO (2000, p. 73 apud GRANDO; HONORATO 2008, p. 101).

O movimento da dança primitiva fazia parte da vida social, e não era considerado apenas mero divertimento, ela era uma ação espontânea, no sentido de auto expressão e comunicação. Quando o homem primitivo dança, ele brinca, fala, reza; “o movimento consiste numa forma harmônica total onde o corpo flui como modo de pensar, sentir, agir e reagir” (NANNI, 2003, p.99 apud GRANDO; HONORATO, 2008, p. 102).

A dança é uma forma de expressão corporal existente desde as civilizações antigas. Está tinha importantes significados na sociedade antiga, além de possuir características lúdicas e ritualísticas. A dança acontecia em “manifestações de alegria pela caça e pesca ou dramatizações pelos nascimentos e funerais” (GARIBA, FRANZONI 2007, p. 156).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) indicam que a Educação Física escolar deve proporcionar aos alunos uma educação integral, respeitando cada um deles, favorecendo oportunidades a todos a experimentar as diversas práticas corporais: no jogo, no esporte, na luta, na ginástica e na dança, de forma democrática. Dentre os conteúdos que deveriam ser ensinados na escola, estão as diversas expressões rítmicas da cultura brasileira, que dentre elas está o forró.

No Brasil existe uma riqueza muito grande dessas manifestações. Danças trazidas pelos africanos na colonização, danças relativas aos mais diversos rituais, danças que os imigrantes trouxeram em sua bagagem, danças que foram aprendidas com os vizinhos de fronteira, danças que se vêem pela televisão. As danças foram e são criadas a todo tempo: inúmeras influências são incorporadas e as danças transformam-se, multiplicam-se. Algumas preservaram suas características e pouco se transformaram com o passar do tempo, como os **forrós** que acontecem no interior de Minas Gerais, sob a luz de um lampião, ao som de uma sanfona. Outras recebem múltiplas influências, incorporam-nas, transformando-as em novas manifestações, como os forrós do Nordeste [...] existem casos de danças que estão desaparecendo, pois não há quem as dance, quem conheça suas origens e significados. Conhecê-las, por intermédio das pessoas mais velhas da comunidade, valorizá-las e revitalizá-las é algo possível de ser feito dentro deste bloco de conteúdo. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, p. 39)

Seria demasiado incompleta uma educação que não ensine a história trazendo elementos sociais e culturais. Precisamos valorizar a nossa cultura, ensinar nossa história aos alunos para que entendam o presente, como fala o Coletivo de Autores (2009, p. 82), “faz-se necessário o resgate da cultura brasileira no mundo da dança através de tematização das origens culturais, sejam do índio, do branco ou do negro, como forma de despertar a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania”.

Nosso país pulsa o samba, o frevo, o baião, o xote, o xaxado entre muitas outras manifestações, é demasiado injusto, incoerente o fato da Educação Física promover apenas a prática de técnicas de ginástica e danças europeias e americanas. A diversidade cultural

que caracteriza o país tem na dança uma de suas expressões mais significativas, constituindo um amplo leque de possibilidades de aprendizagem (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, p. 39).

A dança faz parte da disciplina Educação Física, e por fazer parte da cultura brasileira, o forró, assim como as demais expressões rítmicas devem ser proporcionadas na escola com toda sua tradição e originalidade, resgatando nossa história, nossa cultura.

De acordo com Medina (1983) a concepção de pontos de vistas e opiniões que provém de cada ser humano é determinado pelo grupo social, pela cultura dentre outros que condicionam o sujeito a pensar de tal maneira, pois,

Podem ser mais ou menos fortes ou fracos, ricos ou pobres exploradores ou explorados, ativos ou ociosos, cultos ou ignorante inteligentes humildes ou medíocres, honestos ou perversos. [...] possuem valores comuns, mas possuem também valores que diferem de um para o outro indivíduo de um para o outro grupo social. Assim é que podemos encontrar em nossa sociedade os mais variados pontos de vista opiniões crenças e doutrinas. Cada pessoa percebe o mundo, os outros e a si mesmo a sua maneira, embora condicionado e determinado pela cultura em que vive e age basicamente de acordo com a sua consciência (MEDINA, 1983, p. 74).

Essa é uma citação bem antiga, porém permanece atual, pois é uma concepção recorrente em qualquer momento histórico. A possibilidade dos alunos em conhecer as diversas formas de expressão da cultura brasileira, permite que venham “[...] valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 33)”. E assim, podem ser cruciais para a mudança e/ou superação de preconceitos, de estereótipos.

As diversas práticas corporais: o jogo, o esporte, a luta, a ginástica e a dança, são possuem “características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 23). Mais de que maneira podemos utilizar uma atitude lúdica para ensinar a dança, ou outras práticas corporais ali colocadas?

Há muito em que se avançar nas pesquisas científicas e na formação de professores, quando se fala de trabalhar a atividade/atitudes lúdicas, ainda mais quando buscasse leva-lo como pressuposto teórico para as aulas de Educação Física. Ainda nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997),

[...] por meio das danças, mas não só das danças também das brincadeiras os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-los a partir destes referenciais; conhecer algumas técnicas de execução de movimentos e utilizar-se delas; ser capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim, de adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas.

“Ao falarmos sobre educação, em qualquer nível ou situação de relacionamento entre pessoas, supõe-se sempre uma concepção ou forma de interpretar o mundo, a vida e o ser humano – ou várias. Considerando a prática pedagógica como prática social” (SOUSA, 1992 apudKRISCHKE e SOUSA, 2004 p. 21). Essa possibilidade do aluno se expressar por meio dos seus movimentos corporais a partir de suas subjetividades, o seu eu histórico social, para nós é a forma que o sujeito conhece o mundo, porque é por meio do seu corpo que ele também se comunica, aprende por meio das relações sociais o meio que ele se expressa, sente e vive.

É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos. No entanto, há um preconceito contra o movimento. Solange Arruda, na introdução de seu livro Arte do movimento, afirma que “é mais chic, educado, correto, civilizado e intelectual permanecer rígido. Os adultos, em sua maioria, não se movimentam e reprimem a soltura das crianças”. Isso começa em casa e se prolonga na escola (STRAZZACARPA, 2017 p. 69).

Colaborando com essa reflexão, temos uma análise sobre a repressão dos corpos que os adultos querem das crianças, que se perpetua e intensifica nas escolas, e, desde cedo as crianças são disciplinadas a manterem-se inertes em suas carteiras em sala de aula para aprender. Precisa se modificar essa “dicotomia das antíteses: obrigação e prazer, que ocorrem no ambiente escolar [...] como um local de ‘pré-para-ação’, por procurar impor à lógica do ‘depois’, (primeiro o dever depois o prazer), da racionalidade, da produtividade” (OLIVER, 1999 apud

MOREIRA e SCHWARTZ, 2009 p. 209). Nesse modelo de escola não há espaço para o lúdico, apenas para o falso lúdico conhecido pelo senso comum, como momento livre, se a criança obedeceu, fez a tarefa então pode ir brincar. Não sou contra a proporcionar momentos livres de brincadeiras na escola, mas a favor de uma educação menos repressora, onde é possível aprender pelo lúdico, aprender brincando.

Marcellino (1999, p. 13 apud Moreira, e Schwartz, 2009, p. 209), trata “o lúdico como um veículo privilegiado de educação, apontando a relevância de sua prática ao aprendizado de forma geral, embora aponte a dificuldade desse reconhecimento e, até mesmo, a tentativa de furtá-lo da realidade”.

Esse furto ao lúdico [...] parece uma problemática ainda sem solução, já que a escola continua encarando a atitude e a conduta lúdicas, a espontaneidade, a expressividade ou o fluir artístico como algo alheio ao processo educacional (MARCELLINO, 1990, p. 13 apud MOREIRA, e SCHWARTZ, 2009, p. 209).

Desde 1997 os Parâmetros Curriculares Nacionais trazem que tanto a disciplina de Educação Física, deveria incluir práticas de atividades lúdicas contextualizadas (MOREIRA, e SCHWARTZ, 2009). Será que houve algum avanço, em relação a essa questão?

Os estudos que articulam os benefícios do lúdico e a Educação Física, acrescentam [...], os benefícios fisiológicos e psico-sociais, os benefícios relacionados à saúde e ao desenvolvimento motor; à formação do caráter, à tolerância, à cooperação, ao senso social; ao rendimento acadêmico; ao desenvolvimento de funções mentais como a atenção, a memória, o raciocínio e ao desenvolvimento da linguagem em suas diversas possibilidades (MIRANDA, 2002; GOMEZ, 2001; ESTRADA, 2001 p. 210-211 apud MOREIRA, e SCHWARTZ, 2009).

Sborquia e Neira (2008) dizem que desde o ano desse artigo publicado, não havia estudos sobre dança, ela não estava presente nas aulas de educação física, e conseqüentemente não existia uma fundamentação teórica, sistematização para auxiliar os professores em suas aulas assim como à divulgação nas produções teóricas voltadas para o tema. Será que e a dança e a atividade lúdica vêm sendo trabalhada na área da Educação Física?

3. A DANÇA, A EDUCACAO FISICA E A ATIVIDADE LUDICA, PRATICA PEDAGOGICA DE CONTRADICOES PERSISTENTES

1.2 A dança brasileira Forró pé de serra e a experiência no CDS/UFSC

O Forró Pé de Serra é uma dança nordestina caracterizada “por ter como fonte de inspiração artística o universo rural do sertanejo, e tem origem em meados da década 1940, no Nordeste. É tocado por trios de zabumba, sanfona e triângulo” (SYLLOS; MONTANHAUR, 2002 apud QUADROS JUNIOR; VOLP, 2005).

A palavra forró não possui unanimidade e tem diferentes significados, podendo ser considerada uma festa, um gênero musical e um local. Consideramos o forró como uma festa onde a sua dança é festa, há música e muita diversão. Podemos dizer que o forró tradicional, o pé de serra, pode ser considerado a união dos três elementos acima, portanto, forró pode ser considerado uma festa que será em determinado local, onde haverá diversão e um estilo de música também denominado forró (ritmado pelos instrumentos musicais: triângulo, sanfona e a zabumba). Dentre esses estilos musicais e de dança que fazem parte do forró estão o xote, o xaxado, o baião e o mais recentemente, o forró universitário. Na verdade, nos estudos de Câmara Cascudo, ele explica a origem do Forró vindo do Forrobodó, explicação também utilizada na citação abaixo:

O forrobodó, é o “baile ordinário, sem etiqueta” também conhecido por arrasta-pé, bate chinela ou fobó, sempre foi movido por vários tipos de música nordestina (baião, coco, rojão, quadrilha, xaxado, xote) e animado pela pé de bode, a popular sanfona de oito baixos. Uma versão fantasiosa chegou a atribuir a origem do forró à deturpação da pronúncia dos bailes for all (para todos), que no começo do século os engenheiros ingleses da estrada de ferro Great Western, que servia Pernambuco, Paraíba e Alagoas, promoviam para os operários nos fins de semana (DIAS; MORAES; PALAFOX, 2005 p. 168).

O Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró pé de serra é realizado há mais de 16 anos na Universidade Federal de Santa Catarina no departamento de educação física do Centro de Desportos. A coordenadora responsável é a Professora Dr. ^a Iracema Soares de Sousa. Os (as) monitores (as) são alunos (as) do curso de graduação em Educação Física que, selecionados, participam e vão

aprendendo essa dança, e, ao mesmo tempo, adquirem experiência no processo de dar aula. O ensino está pautado numa forma mais unificada ou dito de outra maneira, numa unidade, sem fragmentações. As aulas são planejadas semanalmente tendo a atividade lúdica como pressuposto teórico e metodológico. Este aporte teórico garante o referencial nas elaborações das aulas, construídas num processo contínuo de reflexão prática x teoria, teoria x prática.

A discussão e análise das diversas experiências de quem ensina a dança que visa a formação de uma comunidade lúdica organizada, e que favoreça tanto o enriquecimento teórico quanto os avanços da prática, deve ser concebida a teoria como momento da prática e a prática como uma práxis, vale dizer: como uma relação inevitável e necessária entre prática e teoria e teoria e prática (KRISCHKE E SOUSA, 2004 p. 25).

A atividade lúdica, como pressuposto teórico e metodológico é um diferencial no ensino do forró tradicional, o forró pé de serra. A prática vai além de passos de dança e inclui aspectos históricos, culturais tudo para se conhecer e ensinar o mais próximo possível da realidade dessa dança Brasileira.

Em todos os momentos das aulas estão entranhados elementos lúdicos, de sociabilização, do conhecer o seu eu, respeitar-se a si os outros, dançar com e não dançar sozinho, pois considera a existência do outro, olhar para o companheiro de dança, sentir a sua presença. O foco é para que o aluno não medo de tocar e olhar para o outro. É uma busca de superação de barreiras construídas socialmente que, ao enfatizarem somente o individualismo, a competição, assim o outro parece sempre dispensável. A Ementa do Curso (2017/2018) corrobora com a ideia,

O objetivo do projeto é ensinar o Forró autêntico original, expressão da cultura Brasileira. Partimos do pressuposto que todas as pessoas sabem dançar - é só começar; que não existe erro; que o Forró é alegria - expressão genuína de cultura brasileira. Que a alegria também se aprende (é melhor que ser triste). É um espaço de sociabilidade, pois o Forró é muito mais que dança, - é uma Festa - pretendemos que todas as aulas sejam uma Festa; que a camaradagem na aprendizagem possibilita a todos se tornarem amigos e, assim, os vínculos sócios afetivos extrapolam a sala de dança; é também oportunidade para se conhecer pessoas de diferentes origens, de diferentes cursos da UFSC, de fora da UFSC, de fora do Brasil, de diferentes idades, de diferentes regiões, de diferentes classes sociais. Essas diferenças, essa mistura, é uma característica importante da cultura Brasileira. O lúdico (ritmo e harmonia) é pressuposto teórico e recurso didático e, nessa

conjugação, apontamos para uma estética cheia de humanidade e leveza. Assim, ensinamos o Forró pé de serra adotando a sua essência de festa, dançamos o xote, xaxado, baião, arrasta pé e universitário. Uma dança muito maior que deslocamentos e gestos, uma celebração da vida.

Nesse contexto é de grande importância conhecer essa prática pedagógica onde se ensina a Dança forró pé de serra, como expressão rítmica da cultura brasileira em toda sua tradição e originalidade, resgatando, portanto, a nossa história, tendo o lúdico como fundante desta expressão.

A proposta pedagógica do Projeto de Extensão Dança Brasileira Forró Pé de Serra, tem como pressuposto teórico e metodológico a atividade lúdica. A atividade lúdica é um fenômeno humano que possibilita a promoção humana. Isso é facilitado por conta do jogo permitir que o sujeito, em sua atitude lúdica, se esqueça da realidade do dia a dia e se entregue totalmente aquele momento, possibilitando o desenvolvimento das áreas afetivas, cognitivas e psicossociais, que dentre elas estão: autoestima, confiança, imaginação, criatividade, expressão, comunicação, autoconhecimento, liberdade, alegria dentre outras.

Temos uma dificuldade para encontrar publicações que tratem da atividade lúdica como pressuposto teórico e recurso metodológico, se existem são muito poucas. Principalmente quando se refere ao ensino da dança, que em sua maioria é realizada na escola somente em festas temáticas ou apresentações para o entretenimento, além de ser um conhecimento muito pouco abordado na área da Educação Física.

Consideramos o jogo, o lúdico, a brincadeira, a atividade lúdica tudo com o mesmo significado, pois se trata de um mesmo fenômeno. Levamos em consideração para as aulas a caracterização da atividade lúdica elaborada por Johan Huizinga (2014, p. 33) no seu livro *Homo Ludens* ela é considerada,

Uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.

As nossas aulas são preparadas a partir de reuniões semanais, trabalha-se a partir do que os alunos sabem e apresentam, dessa forma construímos referências concretas e partir dessas necessidades. Dessa maneira, vamos trabalhando as

dificuldades de cada turma de forma lúdica, isso permite que eles interiorizem os passos com as suas técnicas e as influências culturais de uma forma mais natural. Procura-se criar as mesmas condições em que se dança o Forró no nordeste Brasileiro, ou seja, levando em conta o espontâneo e a liberdade de expressão. Portanto, trazemos uma característica primordial existente no Forró que é a sua particularidade de ser uma festa que também é uma das formas de expressão humana de atividade lúdica (HUIZINGA, 2014).

Todos os semestres iniciam-se o curso com uma avaliação diagnóstica para elaboração das aulas a partir do que os alunos já sabem e nas reuniões semanais as aulas são elaboradas buscando resolver da melhor forma as dificuldades de cada um. Além da avaliação diagnóstica os participantes passam por um processo de sociabilização para perderem as barreiras/medos. Principalmente de tocar no outro e também se permitir ser tocado e quando se dão conta, já estão dançando.

A atividade lúdica contribui e muito nesse processo de ensino e aprendizagem para esse desbloqueio de resistências que os alunos trazem para as aulas provindas de sua história de vida, ou de estereótipos existentes em nossa sociedade. Mas claro que para que isso aconteça há uma grande dedicação para fazer de todas as aulas uma festa, de maneira que os alunos se sintam à vontade e se expressem espontaneamente. Assim, com mais naturalidade eles vão se sentindo a vontade para dançar com o outro, sem medo ou bloqueios para olhar para o companheiro de dança, senti-lo, perceber e sentir alegria, não só no resultado da dança, mas também no processo da aprendizagem, contribuindo para que mais tranquilamente entrem no mesmo ritmo e harmonia, e quebrem com o individualismo construído em nossa sociedade, onde impera a competição exacerbada, que leva a falta de empatia.

As aulas são elaboradas para instigar a imaginação dos participantes para se chegar a beleza (a estética que trabalhamos) final da dança de maneira descontraída, simples e expressando alegria. Busca-se que interiorizem os passos com naturalidade. Para isso os (as) monitores (as) devem preparar atividades simples e divertidas para agirem com um “espírito lúdico” (no falar, no se expressar, em suas atitudes quando estão ensinando). Isso para nós promove e desperta a criatividade, curiosidade, alegria, para que seja uma aula prazerosa, uma aula que é uma festa. Entretanto para que isso aconteça os professores precisam além de ter

bem internalizado de forma teórica e consistente a maneira como colocar em prática a atividade lúdica nas aulas, é imprescindível que se assuma uma atitude lúdica para instigar e desafiar os alunos nas atividades para que aprendam por meio de sua própria ação a serem espontâneos e criativos. Importante frisar que além da dança visamos que os alunos possam aprender a ser alegre, que eles se esqueçam dos problemas do dia-a-dia, mesmo que momentaneamente.

O intuito da metodologia utilizada é que os alunos aprendam a técnica de uma forma divertida e alegre, e quando perceberem já se está dançando. Deixa-se bem claro que, só não aprende a dançar quem não quer, pois todos aqueles que se dedicam, participam de todos os momentos da aula e estão presentes do início ao fim do curso, saem dançando o Forró Pé de Serra. Os planejamentos das aulas são realizados de modo que propicie que os participantes desenvolvam o companheirismo (onde todos se ajudam), o compromisso nas aulas, e o respeito consigo mesmo e com o outro. Todos trazem consigo uma cultura, uma história que influencia na sua visão de mundo e, portanto, no seu modo de agir e de ser.

Huizinga (2014, p. 13), explica que atividade lúdica tem uma íntima ligação com a festa,

Existem entre a festa e o jogo, naturalmente, as mais estreitas relações. Ambos implicam uma eliminação da vida quotidiana. Em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Ambos são limitados no tempo e no espaço. Em ambos encontramos uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade. Em resumo, a festa e o jogo têm em comuns suas características principais. O modo mais íntimo de união de ambos parece poder encontrar-se na dança.

A união da festa e da atividade lúdica funde-se na dança, dança essa, para nós o Forró Pé de Serra, relacionado com o pressuposto teórico e metodológico das aulas. As festas são um espaço importante para o convívio espontâneo, criativo e artístico, amplia as relações sociais, no intuito de celebrar e não de cumprir um protocolo (FIAMONCINI, 2003 p. 61).

O Forró Pé de Serra da maneira aqui ensinada é uma dança democrática, pois todos dançam com todos e não existe o certo e o errado nos movimentos. Também não há exclusão de pessoas, ou seja, todos estão incluídos porque a estética das aulas é o ritmo e harmonia e cada um pode expressar uma totalidade de sentimentos e belezas únicas.

Talvez este fator estético seja idêntico aquele impulso de criar formas ordenadas que penetra o jogo em todos os seus aspectos. As palavras que empregamos para designar seus elementos pertencem quase todas à estética. São as mesmas palavras com as quais procuramos descrever os efeitos da beleza: tensão, equilíbrio, compensação, contraste, variação, solução, união e desunião. O jogo [a atividade lúdica] lança sobre nós um feitiço: é "fascinante", "cativante". Está cheio das duas qualidades mais nobres que somos capazes de ver nas coisas: o ritmo e a harmonia HUIZINGA (2014, p. 13).

Por fim, todo esse processo garante que os elementos teóricos metodológicos da atividade lúdica forjem um processo pedagógico que, acima de tudo, produz cultura pela promoção humana.

3.2 Dança, educação física e o lúdico, algumas abordagens teóricas

O lúdico, a atividade lúdica, e o jogo são tratados de diferentes maneiras entre os diversos autores que até então abordam o lúdico em suas pesquisas. “O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente” (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 65).

O autor mais citado que estudou esse fenômeno do ponto de vista cultural e histórico foi Johan Huizinga. No início do seu livro *“Homo Ludens”* ele escreve: “jogo é de fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições mais rigorosas, p

ressupõe sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica (...) os animais brincam tal como os homens” (HUIZINGA, 2014, p. 3). Porém, apesar de concordar com o levantamento histórico feito por Huizinga em seu trabalho no livro acima citado, não coadunamos com a comparação dos homens como animais, tendo em vista as conexões neurológicas no processo de trabalho, que os animais têm o sistema nervoso pouco desenvolvido, apresentando diferenças substanciais em relação ao homem moderno, capitalista. Nosso questionamento não se resume somente a esta questão, haja vista que o que nos difere dos animais, como bem diz Marx (1995)

seria o trabalho, ou seja, a atividade transformadora que somente os seres humanos realizam.

Huizinga (2014) se coloca em relação aos problemas sociais da sociedade moderna de uma forma conservadora e não situa a produção da vida para o capital, onde temos a questão da mercantilização de tudo. Apesar desses limites esta obra é a que tratou particularmente da atividade lúdica em todas as suas considerações e é a que contribuiu decisivamente ao incluir, em suas análises, a categoria da totalidade como definidora de todas as elaborações linguísticas.

Traz a importância do jogo desde as mais antigas civilizações e apresenta a diversidade de elaborações que se tem sobre o lúdico (o jogo) e com isso colaborando na ideia de que esta atividade, a lúdica não contém uma conceituação, ou seja, cada área concebe o jogo de diferentes pontos de vistas, por exemplo, alguns falam que o Jogo seria: uma descarga da energia vital superabundante, ou uma necessidade de distensão; outro trata o jogo como exercício de autocontrole indispensável ao indivíduo; ou ainda com o princípio do jogo como um desejo de dominar ou competir; consideram também como um escape para impulsos prejudiciais, ou um restaurador da energia despendida em outra atividade, dentre outras elaborações (HUIZINGA, 2014).

Para o autor nenhuma dessas teorias (explicações) conseguem dar conta do jogo (o lúdico) em sua totalidade, pois o jogo, para ele, é uma função da vida. Explica que não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos. O conceito são formas de pensamento os quais exprimimos a estrutura da vida espiritual e social (HUIZINGA, 2014). Portanto, a grande contribuição de Huizinga (2014) se pauta na crítica de que não existe a possibilidade de se conceituar o jogo, pois sempre estará se conceituando de modo parcial, não abarca a totalidade. A solução dada por ele foi caracterizá-lo da seguinte maneira:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana (HUIZINGA, 2014, p. 33).

Ainda conforme o autor, no jogo existe alguma coisa “em jogo” que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido a ação,

portanto, temos um sentido não material em sua essência. O jogo é uma forma específica de atividade, uma “forma significativa”, como função social. Reconhecer o jogo é forçosamente, reconhecer o espírito, pois, o jogo, seja qual for sua essência, não é material ele ultrapassa os limites da realidade física. Podendo ser considerado uma categoria primária da vida, anterior a cultura, dessa forma a cultura evoluiu do jogo (HUIZINGA, 2014).

Marcellino (1999, p. 13 apud Moreira, e Schwartz 2009) “opta por abordar o lúdico não ‘em si mesmo’, ou como forma isolada de algum brinquedo, festa ou jogo, mas ‘como um componente de cultura historicamente situada’”.

O ludus latino não é idêntico ao brincar francês. Cada cultura, em função de analogias que estabelece, vai construir uma esfera delimitada (de maneira mais vaga que precisa) aquilo que numa determinada cultura é designável como jogo. O simples fato de utilizar o termo não é neutro, mas traz em si um certo corte do real, uma certa representação do mundo. Antes das novas formas de pensar nascidas do romantismo, nossa cultura parece ter designado como "brincar" uma atividade que se opõe a "trabalhar" [...] caracterizada por sua futilidade e oposição ao que é sério. Foi nesse contexto que a atividade infantil pôde ser designada com o mesmo termo, mais para salientar os aspectos negativos (oposição às tarefas sérias da vida) [...] (BROUGÈRE, 1998).

Outra visão em relação ao lúdico é de Kishimoto (2017, p. 30-31) que caracteriza o jogo em uma grande família, que possuem esses elementos em comum:

[...] liberdade de ação do jogador ou o caráter voluntário e episódico da ação lúdica; prazer (ou desprazer), "não-sério" ou o efeito positivo; as regras (implícitas ou explícitas); relevância do processo de brincar (o caráter improdutivo), incerteza de resultados; não literalidade ou a representação da realidade, a imaginação e a contextualização no tempo e no espaço.

Caillois (1958 apud Kishimoto 2017, p. 27), segue com o mesmo pensamento de Huizinga apontando como características do jogo “a liberdade de ação do jogador, a separação do jogo em limites e espaço de tempo, a incerteza existente, o seu caráter improdutivo de não criar bens nem riqueza, e suas regras”.

Portanto, como citado por Krischke e Sousa (2004 p. 25) “o modo de produção da existência no capitalismo, por seus diversos meios de controle ideológico, absorve as manifestações culturais”, e é nesse sistema de produção que

o lúdico é visto como improdutividade. Dessa maneira percebe-se a desvalorização ainda dada por muitos para a atividade lúdica, pois a consideram insignificante, pois nela supostamente “não há produtividade”, e aos poucos ela vai se afastando da sua verdadeira essência. Assim, diante do exposto, acontece uma intensa racionalização e uma tendência a disciplinarização dos corpos e comportamentos. De modo que, as relações humanas e sociais passam a ser mercantilizadas e artificiais, restando cada vez menos espaço para que as crianças e os adultos como sujeitos criadores possam produzir por meio da linguagem lúdica (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2014).

Soares (1996), afirma que a Educação Física é o lugar onde se aprende Ginástica, Jogos, Jogos Esportivos, Dança, Lutas, Capoeira e que tanto no ensino da ginástica como de qualquer jogo sempre haverá em seu interior uma dimensão técnica. Porém, a técnica não deve significar, tecnicismo nem “performance”, sendo que não é na escola o lugar da “performance”, o lúdico pode prevalecer sempre numa aula de Educação Física.

Alguns professores têm como elemento central o desenvolvimento e na sua prática utiliza de estratégias esportivas e lúdicas para a sua realização (VASCONCELOS e CAMPOS, 2014).

Segundo Caramês et al., (2012) o lúdico precisa ser resgatado no ambiente escolar. Uma manifestação lúdica pode ser considerada artística, podendo despertar a fantasia, a imaginação e diversão. Os autores trazem que “as crianças permanecem envolvidas com o lúdico, por meio do desenvolvimento da expressão corporal, o conhecimento sobre o corpo com jogos, brincadeiras e atividades” (CARAMÊS et al. 2012, p. 178).

Baroni (2006) apud Caramês et al., (2012, p 181), “descreve que uma das identidades que permeia o meio circense é a brincadeira, a ludicidade, que são valorizadas numa pedagogia voltada para a “produção” do prazer, do desenvolvimento afetivo e criativo do ser”. Batista e Martins (2008) apud Caramês et al., (2012, p. 182), a educação vigente serve para a preparação ao trabalho. E as manifestações lúdicas, que trazem o prazer, a diversão, a criação e a livre expressão que têm suas finalidades em si, são desconsideradas.

Café (2001) apud Caramês et al., (2012, p 182), em um estudo que aborda que, a infância reserva momentos de seriedade na elaboração de trabalhos

escolares e alguns momentos lúdicos, nos quais as brincadeiras têm espaço e tempo limitados, onde a criança é entendida como um adulto em potencial. Ou seja, esse autor coloca em lados opostos a seriedade e os momentos lúdicos, como se não houvesse seriedade no jogo.

O brincar tem sendo visto pelos adultos como tempo de descanso, momento de oposição ao trabalho, então é um momento de improdutividade e inutilidade, isso devido ao fato do brincar em si, “nada produzir”, a não ser o prazer e a alegria gerados na própria brincadeira (SCHARTZ, 1998).

Uma crítica sobre a natureza conceitual que o lúdico vem sendo tratado, ou a posição teórica e/ou ponto de vista superficial, na qual ele é considerado como um momento em que tudo pode acontecer, o assemelha a atividades para distrair e relaxar. “Quando introjetamos o lúdico, no entanto, a liberdade de expressão não elimina os conhecimentos que podem ser adquiridos e transformados. Não se trata de uma espontaneidade vulgar: há uma direção, embora sem a busca por “resultados” prontos” (KRISCHKE E SOUSA, 2004 p.21).

O lúdico é um elemento que proporciona manifestações de alegria, descontração e prazer (SOARES et al., 2009). São atividades que privilegiam a criatividade, a expressão lúdica, a espontaneidade (SCHARTZ, 1998).

Uma relação entre as danças folclóricas e o lúdico, onde “a linguagem corporal inserida nas danças folclóricas [...] constitui-se como manifestação lúdica, dada sua finalidade comunicativa das emoções, sentimentos e ideias que são extravasadas através dos movimentos carregados de sentido. O ser humano se relaciona com o mundo social, demonstra o que sente e, em razão disso, tem na expressão corporal uma poderosa via de interação”. Ou seja, o podemos nos expressar com o corpo, pois a expressão corporal é uma capacidade que permite a expressão de ideias, pensamentos, emoções e estados afetivos (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 91).

A essência real do jogo, na qual ele descarta qualquer característica competitiva e lucrativa. O jogo vem perdendo o seu verdadeiro valor, o brincar deixou de ser somente o brincar. A tecnologia e a mecanização vêm ofuscando os brinquedos e jogos tradicionais, as ruas já não são mais seguras para as crianças brincarem livremente, e os adultos vêm sendo influenciados e/ou movidos por interesses socioeconômicos, além de estar tornando suas crianças miniaturas deles

mesmos. A natureza do verdadeiro jogo tem um sentido mais amplo, mais humano e criador. É uma atividade desvinculada de hora, de lugar ou a sua prática é uma manifestação livre, mesmo com suas regras, pois estas são voluntariamente aceitas por quem joga. Joga-se por jogar, porque Jogo tem fim em si mesmo, é desinteressado, sem fins de produtividade. O Jogo é a criatividade e todo indivíduo criativo torna-se mais flexível as transformações frequentes do mundo. E o prazer de jogar, faz com que o homem sintam-se atraído pelo Jogo (MARINHO, 1996).

O Jogo enquanto Educação, caracteriza-se como um meio de auxílio a aprendizagem, motivando o ensino, possibilitando melhores análises e planejamentos de estratégias de trabalho, além de aumentar as habilidades e divertir! A Educação Física enquanto Educação, vincula-se a corporalidade e aos movimentos do homem, englobando a ginástica, o esporte, o jogo e a dança. Desta forma, Jogo e Educação Física, "juntos", deveriam dar possibilidades de um resgate do ser humano enquanto homem, que necessita de valores, de felicidade e que, acima de tudo, vive! Quem joga vincula-se a fantasia, atingindo o ápice de sua espontaneidade e transparência. O "fazer de conta" é predominante no Jogo. Todos, adultos e crianças, jogam de forma a sempre inventarem alguma coisa. [...] O homem precisa (re) descobrir que pode imaginar, sonhar, inventar e o Jogo oferece essas oportunidades (MARINHO, 1996, p. 163-164).

Essa união o entre educação física e jogo, permite a valorização do ser humana despertando diversão, espontaneidade, assim como proporcionar o desenvolvimento de qualidades pessoais, de cooperação, de sociabilizarão e de criatividade (MARINHO, 1996).

Segundo Schwartz (1998) dentre as virtudes formativas da atividade lúdica e suas funções educativas existem grandes variações, devido ao fato do lúdico ter entrado tardiamente, no universo escolar, sendo sistematizado com atraso. Entretanto, é a por ele que acontecem transformações decisivas nas relações entre o brincar, o brincar e o trabalho na escola, materializando a ideia do aprender divertindo-se, devido a sua fertilidade pedagógica essencial.

Segundo Schwartz (1998, p.66), faz uma reflexão instigante, na qual ela diz que “parece quase uma incoerência salientar a junção da brincadeira e do jogo- com suas peculiaridades de autogestão- aos elementos do sistema educacional, obtendo uma função pedagógica de maneira formal”, pois como seria possível “não ferir as características da atividade lúdica como de fim em si mesmo, de descanso, de livre organização, de espontaneidade e prazer, entre outras constituintes da própria antropologia destes”.

Bomtempo & Hussein (1998) apud Schwartz (1998), trazem que os papéis tanto da brincadeira como do jogo são reconhecidos como meios de comunicação e expressão, porém ainda é bastante sutil, pois são considerados como momentos voltados para não seriedade.

Kishimoto (1992) apud Schwartz (1998, p.67),

[...] salienta a presença de duas funções para o jogo ou do jogo, utilizado como elemento pedagógico na educação, sendo uma função lúdica, na qual este propicia a diversão, o prazer e até mesmo o desprazer, quando escolhido voluntariamente, e uma função educativa, onde o jogo serve para complementar o conhecimento do indivíduo.

Esse estudo traz uma sugestão para que o jogo entre no processo escolar,

Devendo ser respeitados 4 fatores essenciais para que não se transgrida sua integridade: jogos existem em si mesmos, há portanto que respeitá-los; eles não foram feitos para escola, importa pois tomar todas preocupações no seu emprego para fins pedagógicos; a criança mantém com os jogos relações psicossociais fundamentais e, aliás, bem conhecidas, sendo imperioso respeitá-las se não se quiser perverter definitivamente a psicologia infantil; os jogos geralmente são carregados de regras pré-estabelecidas não se confundem com os brinquedos que possuem maior liberdade de ação, ainda que mantenham entre si numerosas e profundas relações. (FERRAM et. al. (1979) apud SCHARTZ, 1998 p. 139)

O brincar tem sendo visto pelos adultos como tempo de descanso, momento de oposição ao trabalho, então é um momento de improdutividade e inutilidade, isso devido ao fato do brincar em si, “nada produzir”, a não ser o prazer e a alegria gerados na própria brincadeira. E ainda traz que são atividades que privilegiam a criatividade, a expressão lúdica, a espontaneidade (SCHARTZ, 1998).

“Será o riso privilégio apenas a criança, enquanto a sisudez poderia caracterizar o adulto”? (SCHARTZ, 1998, p. 71). Será que isso é coerente de fato?

Como é evidenciado no estudo, para acontecer uma atitude lúdica há a necessidade de uma transformação do educador, que deve ser formado para valorizar o jogo da criança, atividade esta, que tem sido desprezada e desprestigiadas no universo escolar. Dentre diversos motivos que podem existir para essa desvalorização, pode se estar pelo próprio profissional da educação ter desvalorizado em sua vida a condição de brincar, por não a encarar com a seriedade que merece (LEIF & BRUNELLI (1976) apud SCHARTZ, 1998, p. 70).

Schartz (1998), há ainda nesse estudo, uma relação entre o lúdico e a cultura infantil, onde esta última, vem sendo aniquilada “tanto enquanto produto quanto como processo, na maioria das instituições”, onde vem acontecendo,

[...] a proletarização da criança através do furto do lúdico, devido a funcionalidade, a cobrança de papéis sociais e de produtividade, as quais precisam ser manifestos cada vez mais precocemente. Além disso, a criança precisa assumir o que, teoricamente, se designou chamar de maturidade que, por sua vez é ligada diretamente as características de sisudez e ao caráter dito instrucional da escola (MARCELLINO (1990) apud SCHARTZ, 1998, p. 71).

Conforme aqui explanado, o lúdico muitas vezes é furtado da cultura infantil, e se já na tenra idade onde a imaginação está aflorada as crianças são podadas e levadas a assumir a maturidade do adulto, colocado aqui, como sisudez. Mas será que sisudez é uma característica de todo adulto?

A inquietação, neste momento, gira em torno do interesse em refletir quanto e de que forma o corpo brinca e pode expressar-se mais espontânea e criativamente, no contexto das instituições escolares; mais especificamente, nas aulas de educação física, as quais, supostamente, poderiam ser um campo aberto e frutífero para estimulação desses comportamentos, à medida que suas atividades são compostas por estratégias nas quais o jogo é um fator fundamental. No entanto, [...] mesmo dentro dessa área, parece não estar claro o papel que o jogo e a expressão lúdica. [...]. Basta refletir sobre a evidência da primazia da dimensão competitiva, na qual as formas esportivas lideram nos programas de educação física, levando a uma minimização do conteúdo lúdico [...] (SCHARTZ, 1998, p. 72).

Interessante à visão da autora quando traz que aborda o jogo possibilita uma,

[...] sensação de alteração e crescimento se faz sentir quando as pessoas conseguem arriscar-se e ousar experimentar outras coisas com prazer, adquirindo maior autoconfiança, maior estimulação para tentar de novo e principalmente, maior prazer e alegria. Ao aprendermos algo por nós mesmos acabamos nos tornando pessoas novas, com uma nova visão de mundo. (SCHARTZ, 1998, p. 75).

Uma particularidade colocada pelos autores entre o jogo e o lúdico, é que na área da Educação Física não há delimitação clara entre conteúdos e estratégias; podendo elas se confundir. O jogo, que tem como sinônimo o lúdico, pode tanto ser visto como um conteúdo ou como uma estratégia de ensino, são considerados como um elemento rico. O jogo se utilizado de maneira criativa por cada professor, não

abandonando seus objetivos específicos, obedecendo aos princípios metodológicos gerais, contextualizado, e atendendo às características e necessidades de seus alunos, possibilita para a Educação Física a construção de uma metodologia de ensino diferenciada, que favorece e muito no desenvolvimento integral do educando. Entretanto, o estudo também traz que é mais indicado nas primeiras séries do ensino fundamental uma metodologia com uma base lúdica que favoreça a criatividade do aluno. Já no Ensino Médio, deve-se focar na aquisição de conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento, buscando facilitar a vivência de práticas corporais, conforme os interesses dos alunos (BETTI; ZULIANE, 2002). Porém, não vejo o porquê de não se ensinar por meio de uma metodologia lúdica em todas as séries escolares, e no ensino formal ou informal.

Segundo Santin (1994), ele faz uma reflexão histórica sobre o lúdico, onde diz que boa parte dos animais realizam dois tipos de atividades, que podem ser observados por qualquer pessoa, estas a primeira delas são resposta às necessidades básicas, alimentação, defesa e a procriação. A outra se constitui das atividades que aparentemente seriam livres dessas necessidades, estas por sua vez assumem as características do jogo.

De acordo com Shirley (p. 140 apud Santin, 1994 p. 95) “o animal trabalha quando uma privação é o móbil de suas atividades e joga quando a profusão de força é este móbil, quando a vida abundante instiga-o a atividade”.

A diferença entre o homem e os animais seria que,

[...] o homem se diferencia dos animais “ultrapassando os limites da vida meramente biológica através da capacidade de produzir pela imaginação pelos símbolos”. As atividades do homem deixaram de ser meras funções físicas e orgânicas para se tornarem ações significativas gestos linguagem [...] sua vida torna-se resistente e história, tudo passa adquirir nova vida a vida da criação simbólica, por exemplo, o salto desregrado da alegria torna se dança (SCHILLER p. 43 apud SANTIN, 1994 p. 96).

“O lúdico se aproxima mais do comportamento do gosto pelo valor estético, da dinâmica da sensibilidade, e da inconstância das emoções. O lúdico e a ludicidade não se submete ao controle das lógicas racionais” (SANTIN, 1994 p. 114).

O lúdico começou a ser tratado na educação como uma alternativa contrária à visão tecnicista, entretanto, a prática lúdica foi reduzida ao fazer qualquer coisa e de qualquer maneira, o que acabou por torná-la uma atividade desvalorizada pela

sociedade em geral. (SANTIN, 1994). Se o papel do professor de Educação Física é ensinar, construir o conhecimento com o aluno porque, sua figura é necessária para deixar os alunos fazerem qualquer coisa e de qualquer maneira? Logo, em seguida o autor coloca que “a ludicidade não pode ser entendida como alguma coisa à toa, algo feito de qualquer jeito sem nenhuma regra” (SANTIN, 1994 p. 117).

Sobre o jogo e o lúdico, conforme este autor há alguma diferença, pois ele traz que a palavra jogo como monopólio das atividades lúdicas e esportivas, e como a polissemia do jogo. “De maneira preponderante o jogo garante a preservação de alguns elementos que estão presentes nos comportamentos lúdicos e nas atividades esportivas. No jogo está presente a ideia de liberdade, de espontaneidade, na ideia de acaso, e de aleatoriedade” (SANTIN, 1994 p. 129). Outra reflexão trazida é sobre o brinquedo que nasce a partir da imaginação do seu criador. Toda a realidade estabelecida pelos limites do mundo do brinquedo não existe fora do brinquedo, como se houvesse dois mundos, um dentro e outro fora do brinquedo. Daí a tensão total da criança, sua seriedade e compenetração. De acordo com o autor a ludicidade vai desaparecendo na medida em que as crianças são atraídas para o mundo do adulto. Em certos casos exploramos os valores lúdicos da criança para iludindo seja iniciada nas práticas do trabalho produtivo, e do raciocínio lógico, as crianças as únicas mestras do lúdico são alfabetizados em nossa linguagem lógica para pensar corretamente, são iniciados ao mundo dos adultos. E dessa maneira, a criança é arrancada do mundo iludido do brinquedo para a vida útil produtiva (SANTIN, 1994).

O lúdico é uma atitude, uma maneira de viver, de ser, e de fazer. O autor tentou apontar alguns caminhos que nos conduzem para “os espaços do brinquedo, onde os corpos são criados e vividos ludicamente”. Ele conclui que, “o corpo lúdico pensa, sonha, inventa, cria mundos, onde é capaz de assumir todas as responsabilidades de viver com amor e liberdade” (SANTIN, 1994 p. 117).

O lúdico e a educação emergem das relações humanas, na sua interação com o cotidiano e com o mundo sempre novas relações emergem entre a aparência e o concreto/real. Portanto tanto o lúdico quanto a educação surgem a partir da produção da humanidade (OLIVEIRA, 2010). A dimensão lúdica deve resistir a essa transgressão que vem ocorrendo com suas características, pois deve “a dimensão lúdica [...] ao mesmo tempo, questionar explicitamente a lógica produtiva nas suas

várias dimensões e, não, sob disfarces discretos de indolência, negação implícita ou sustentada pela preguiça como contrariedade à produtividade” (OLIVEIRA, pg. 271, 2010).

3.3 A dança na escola e a Educação Física, vazios teóricos- metodológicos

A dança não é um conjunto de passos, resultados de combinações mecânicas que por mais que sejam úteis como exercícios técnicos, não poderiam ter a pretensão de ser arte, esses são meios e não um fim. A arte da dança é muito grande para ser abarcada por apenas um sistema, uma escola, um estilo (ISADORA DUCAN apud MADUREIRA, 1999 p. 180).

Como conteúdo nas aulas de Educação Física a dança pode proporcionar o desenvolvimento da criatividade, autoconfiança, cooperação e da espontaneidade dos alunos (GRANDO; HONORATO, 2008). Quem dança está aberto as capacidades e entregues ao "movimentar-se", buscando reconhecer-se enquanto corporeidade-sensível, abrindo um canal de percepção e expressão do seu Eu, e de comunicação com ele e dele para o mundo. Nesse processo, no desenvolvimento de si mesmo, constrói-se criativamente no mundo, é estas capacidades, que possibilitam ao aluno a diversificar as possibilidades de movimentos abrindo espaço para as suas expressões individuais, como também para construir coletivamente expressões de grupo, aprofundando o seu potencial criativo e expressivo (FEIJÓ, 1996, p. 48 apud SOARES; SARAIVA, 1999).

Dentre as possibilidades de desenvolvimento que se é possível a partir de sua prática estão: “a coordenação motora, equilíbrio, flexibilidade, criatividade, musicalidade, socialização, consciência corporal, noções de espaço, lateralidade, expressões corporais e faciais de forma espontânea, e o conhecimento da dança em si, auxiliando no seu desenvolvimento motor, cognitivo e social” (SILVA; ROSA, 2008 p. 67).

Defende-se que a dança faz parte da cultura corporal ou cultura de movimento dos seres humanos, e defende-se a sua inserção na escola, por meio da Educação Física. Com uma prática pedagógica voltada centrada no aluno, sendo necessário o desenvolver do “construir individual e coletivo, com respeito às individualidades e potencialidades dos alunos, entendendo-se, em todas as

propostas, que a dança é uma manifestação tanto coletiva dos sujeitos (sua cultura), quanto individual (sua intuição e subjetividade)” (SOARES; SARAIVA; 1999 p. 116).

Atualmente alguns estudiosos da área da dança têm uma melhor compreensão dos valores formativos e criativos que ela pode proporcionar. Porém, a educação escolar teve por muitos anos, e ainda hoje privilegiado os valores intelectuais em relação a valores corporais, o que levou a discriminação às disciplinas artísticas (GARIBA e FRAZONI, 2007).

Diante das afirmações feitas, a dança, pode ser uma ferramenta preciosa para o indivíduo lidar com suas necessidades, desejos, expectativas e também servir como instrumento para seu desenvolvimento individual e social. Nessa perspectiva, pode-se considerar a dança como uma fonte de percepção, entendendo-se que a elaboração do conhecimento passa pelo corpo. Assim sendo, o ensino da dança na escola deve estar vinculado a aspectos motores, sociais, cognitivos, afetivos, culturais, artísticos, pois como atividade pedagógica tem a função de superar uma cultura corporal voltada para execução de movimentos já preestabelecidos, produzidos pela humanidade (GARIBA e FRAZONI, 2007, p. 161).

3.3.1 Dança educação física e eventos escolares, espetáculos x processo pedagógico

Na literatura disponível percebemos que o número de pesquisas com dados empíricos sobre a dança na escola, na educação ou mesmo na arte-educação quase não existem. São debates ainda incipientes. Saraiva (2009, p.168) apresenta uma solução para a descontinuidade desta prática:

A ampliação da discussão sobre a dança na escola, seja envolvendo a comunidade escolar seja entre os professores de educação física e artes, seja na formação dos professores de educação física ou de dança, pode encaminhar propostas sobre projetos de dança a serem oferecidos dentro das escolas, que não precisam se constituir em experiências esporádicas [...]

Por outro lado, a formação em nível superior deveria oferecer mais possibilidades de projetos de dança para os futuros professores de educação física. Assim poderíamos desenvolver de forma mais clara estes projetos nas escolas (SOARES, *et al.*1998). Dessa forma poderão ir se engajando, desde a sua

formação, num processo de transformação da realidade escolar da dança (SARAIVA, 2009 p.168).

A dança na escola não deve resumir-se em participação de festas sazonais, numa visão de dança como passatempo ou centralizada para um espetáculo e aprimoramento técnico (SBORQUIA e GALLARDO, 2006; STALLIVIERE e FRANZONI, 2007). Portanto, na escola é necessário desmistificar essa imagem dada a dança como espetáculo, como afirma Brasileiro (2003) que é preciso passar a entendê-la como conhecimento significativo para as nossas ações corpóreas.

Fiamoncini (2003) contribui nesta questão dizendo que a dança não deve acontecer somente como um cumprimento do calendário escolar, como um produto final, mas deve se dar a importância devida ao processo desse aprendizado. Haja vista que, mesmo se tendo esta posição pedagógica, a dança ainda é um conteúdo pouco trabalhado na Educação Física de forma sistematizada como vimos.

Radicando o que afirmamos até agora apontar para uma formação integral dos alunos ainda é uma questão perene, pois o seu ensino está focado em reproduções coreográficas para apresentações em festas ou outros eventos escolares (GRANDO; HONORATO, 2008).

Este debate torna-se exaustivo nas publicações estudadas, Kleinubing e Saraiva (2009) em sua pesquisa com professores afirmam que se tem desenvolvimento a dança na escola, de alguma maneira, mas não de forma sistemática. É corriqueira ainda a sua ligação com algum evento ou data comemorativa (DIAS; MORAES; PALAFOX, 2005). De tal modo, é certo que a posição de Lima e Fiamoncini (2004) ao pontuar esta situação conseguem enxergar uma visão utilitarista da dança bem como a sua valorização unicamente como objeto de uso nestas apresentações.

Segundo essas análises de dados, como já apontamos, temos uma escassez de propostas pedagógica sem relação à dança na escola que valorize o processo educacional e, dentre um dos motivos ponderados está a carência de formação adequada dos professores, conseqüentemente faz com que o ensino da dança não tenha avanços teóricos-pedagógicos. Torna-se, portanto, apenas reprodução de coreografias específicas para apresentação em datas festivas ou eventos comemorativos (MARQUES; SURDI; KUNZ, 2013, p. 155-156).

Entretanto, alguns “professores tentam” romper com as “dancinhas” de datas comemorativas para abordar as danças, mas, mesmo com este compromisso o processo educativo não se faz qualquer tipo de reflexão mais profunda sobre a dança com os alunos (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 81”).

Ciente dessas problemáticas sobre o ensino da dança na escola destaca-se a importância das contribuições e possibilidades de um trabalho voltado à exploração e investigação de movimentos que, pautados na imaginação criadora, na experiência corporal sensível, na improvisação e composição coreográfica interativa, podem abarcar seu desenvolvimento enquanto conteúdo educacional. (MARQUES; SURDI; KUNZ, 2013, p. 155).

A escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isto aconteça e, enquanto ela existir, a dança não poderá continuar mais sendo sinônimo somente de eventos de fim de ano ou de comemorações esporádicas (MARQUES, 2003, p. 17 apud SANTIAGO e FRANCO, 2015). Mas, um conhecimento de grande abrangência da cultura humana.

3.3.2 Dança e formação de professores

Assim já vimos que existe uma escassez bibliográfica sobre o assunto dança o que, por um lado acarreta dificuldades na formação de pessoas habilitadas e por outro parece ser uma consequência desta lacuna formativa.

A dança passou a ter uma “função instrumental e funcional” condição está imperativa de nossa sociedade capitalista. Assim, não se deve ensinar a dança na escola como apenas espetáculos e desenvolver um ensino apenas para meras apresentações, haja vista que isto reduz a sua potencialidade para a formação humana. Precisamos estudá-la à luz da história e do contexto social onde ela está inserida na busca das revelações das suas características mais íntimas. Por exemplo, refletir e criticar com todos os participantes como esta cultura vem sendo utilizada e produzida em nossa sociedade.

Segundo o artigo “Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de Educação Física: aproximações a partir do currículo do estado de São Paulo” um dos principais motivos encontrados sobre a dificuldade do ensino da dança implicam na precariedade da formação inicial. O currículo de Educação Física

não oferece conteúdos expressivos para eles, pois o contato com a dança somente em um período da graduação foi considerado muito curto para aprender de forma consistente.

Diniz e Darido (2015) também afirmam que o espaço ocupado pela dança necessita ser ampliado e ressignificado, ofertando aos alunos experiências pedagógicas concretas e sistemáticas que lhes permitam usufruir desse conteúdo como um conhecimento significativo no exercício da cidadania. Seria uma prática mais ampliada no período de graduação para facilitar em ações pedagógicas posteriores, o que não exime o fator de que o professor deve ser um constante pesquisador, para constantemente avançar sua proposta pedagógica, em qualquer uma das práticas da cultura corporal.

Vivemos em uma época em que os riscos de homogeneização cultural, fruto da expansão constante da lógica capitalista, são permanentes [...]. Nas aulas de Educação Física não basta dançar, é necessário tematizar a dança em questão. [...]. No decorrer das ações didáticas, é fundamental que o professor de Educação Física acompanhe e ajude os alunos a identificar quais significados sobre a dança estão sendo produzidos nos diversos segmentos da sociedade, quais os efeitos que as diversas manifestações da dança produzem sobre seus integrantes e como se constroem as relações históricas e de poder nesses grupos sociais, sem desprestigiar nem desqualificar qualquer dança (SBORQUIA; NEIRA, 2008, p. 82-83).

De acordo com Rocha e Rezer (2015) as universidades entendidas como um centro de produção e socialização do conhecimento, deveria, tanto na formação inicial em educação física quanto em qualquer outro curso ligado ao processo educacional, discutir e problematizar sobre as responsabilidades pedagógicas do campo do conhecimento em questão.

Quando nos propomos a estudar a dança, nos referimos a ela enquanto conteúdo da/na EF, que possibilita ao corpo-sujeito construções e significações para sua “formação humana”, já que entendemos a dança enquanto um saber construído de/para formação e transformação social. Nesse aspecto, cabe destacar que a dança se caracteriza/encontra “dentro” da EF, enquanto elemento da cultura corporal de movimento. Porém, importante evidenciar que a dança não é “da” EF, mas se aproxima dela enquanto parte da cultura que interessa a este campo do conhecimento (ROCHA, REZER, p. 866, 2015).

A dança, portanto, é um conteúdo com imensas possibilidades, diversidades, não há uma receita a ser seguida, mas salientar que o processo de ensino-

aprendizagem deve trabalhar aspectos relacionados ao corpo, à dança e à pluralidade cultural, levando sua prática a uma (re) leitura de mundo totalmente voltada para a realidade histórica e social (GARIBA e FRANZONI, 2007).

De acordo com Marques (1999) apud Gariba e Franzoni (2007 p. 167) quando se refere ao profissional que atuará com dança,

[...] ressalta que o ensino universitário, nessa área, não supre as necessidades do mercado, deixando a entender que talvez seja necessária maior compreensão e comprometimento por parte desses profissionais com relação a seu entendimento da dança. O fato é que compreender o corpo por meio da dança, como possibilidade de estabelecer múltiplas relações com outras áreas do conhecimento, analisando, discutindo, refletindo e contextualizando seu papel na contemporaneidade, passa a ser condição para quem trabalha com seres humanos, principalmente para quem trabalha na educação, em que a multiplicidade de corpos está presente nas salas de aula.

Betti e Ziliane (2002 p. 80) dizem que,

Nesses tempos de rápidas e profundas transformações sociais que repercutem, às vezes de maneira dramática, nas escolas, a Educação Física e seus professores precisam fundamentar-se teoricamente para justificar à comunidade escolar e à própria sociedade o que já sabem fazer, e, estreitando as relações entre teoria e prática pedagógica, inovar, quer dizer, experimentar novos modelos, estratégias, metodologias, conteúdos, para que a Educação Física siga contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura contemporânea.

É sem dúvida unanimidade dos diversos autores sobre as dificuldades e problemas possíveis no ensino da dança, no entanto, o mais preocupante é sem dúvida a da sua formação. Segundo Brasileiro (2002-2003 apud Marques; Surdi; Kunz 2013 p. 156),

[...] a não proposição da dança na escola, está sendo justificada pelos professores, principalmente pela não apropriação do tema. Com isso, a dança ainda permanece, mesmo frente a tantos avanços nas proposições teórico-pedagógicas, atrelada a reprodução de coreografias específicas para apresentação em datas festivas e/ ou eventos comemorativos da comunidade escolar.

As metodologias utilizadas no projeto de dança relatado no estudo de Lima e Fiamoncini (2004 p. 38),

[...] apontam para diferentes concepções de Dança: instrumental, funcionalista e utilitária. Instrumental, porque os conteúdos se restringiram basicamente à história da Dança, aos diferentes estilos, algumas técnicas e movimentação livre e espontânea. Concepção funcionalista, porque os objetivos se generalizam desde o desenvolvimento das qualidades físicas, psíquicas, sociais, afetivas, bem como o desenvolvimento artístico (comunicação e expressão), até valores morais, cívicos e culturais.

Ainda Lima e Fiamoncini (2004), trazem que em um dado estudo sobre a dança relacionada à prática, os conteúdos, objetivos, metodologias utilizadas para o ensino da dança não tinham preocupação em levar os alunos a buscarem uma reflexão, a uma perspectiva crítica sobre a dança e as relações que a envolvem, estando quase sempre direcionadas apenas ao repasse de conhecimentos e informações. O que conseqüentemente não permite que os sujeitos reflitam sobre a realidade, impossibilitando que aconteça qualquer tipo de transformação. Segundo elas, isso é reflexo da falta de capacitação dos professores envolvidos no projeto de Dança.

Tudo indica que, para o avanço pretendido é necessário um maior rol de disciplinas que tratem da dança na formação inicial dos professores. Bem como as experiências muito ricas do envolvimento dos estudantes nos projetos que são desenvolvidos nas Universidades.

A prática da dança na escola pública tem mostrado que o ensino da dança tem se tornado restrito aos professores de Educação Física que tiveram algum tipo de formação específica na área. Pois muitos professores dizem não terem tido uma formação suficiente para trabalhar com esta modalidade em uma perspectiva crítica de educação. Trabalhar a técnica, mas, principalmente, a dança como conhecimento da cultura corporal, acadêmica, popular e de consumo-massa, subjacente a esta prática social, para que desenvolvam uma visão crítica da modalidade (PCTP, 2004 apud DIAS; MORAES; PALAFOX, 2005 p. 167).

A Educação Física deve ensinar a cultura corporal visando formar um cidadão transformador “instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida” (p. 75) “referindo-se em aspectos afetivos, sociais, cognitivos e motores” (BETTI; ZULIANE, 2002).

Portanto, temos uma lacuna que deve ser resolvida com uma conexão mais fundamentada e ampliada com a dança, nos cursos de formação de professores, bem como a valorização da dança como uma educação necessária.

3.4 Dança e a relação com o lúdico

A atividade e lúdica e a dança não podem ser conceituadas, mas sim podem fundamentadas de acordo com suas características, conforme Huizinga (1996, p.16) apud Krische e Sousa (2004 p.17), a dança tem características lúdicas, pois:

O que confere à dança a mesma fundamentação de jogo é ser uma atividade livre, conscientemente tomada como 'não séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro; praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 1996, p.16 apud KRISCHKE E SOUSA, 2004 p.17).

Krischke e Sousa (2004 p. 20-24) retratam melhor quando dizem que muitos pensam que tudo que é lúdico é livre, não há uma organização, pelo contrário, a técnica deve ser ensinada. No ensino e aprendizagem da dança deve acontecer também, disciplina, como no jogo, porque tem regras, mas tem a brincadeira, que se pode fazer, se pode brincar, mas sobre um foco delimitado, ou seja, quando trabalhamos com lúdico, há a liberdade de expressão que não elimina os conhecimentos que podem ser adquiridos e transformados, porque não se trata de uma espontaneidade vulgar, há uma direção, embora que sem a busca por "resultados" prontos.

Levando em consideração outras formas de significação sociocultural à dança não é um produto, e sim um processo, pois não se trata de objeto, ela é uma ação, ela é uma forma de existência humana, não há como aprisionar uma dança nos limites de uma descrição (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2014).

Semelhante ao jogo não há como definir, conceituar a palavra dança,

Ela é ao mesmo tempo musical e plástica: musical porque seus elementos principais são o ritmo e o movimento, e plástica porque está inevitavelmente ligada à matéria. Sua interpretação depende

das limitações do corpo humano, e sua beleza é a do próprio corpo em movimento. A dança é uma criação plástica como a escultura, mas apenas por um momento (HUIZINGA, 2014, p. 185).

A dança é a ação criadora do corpo em movimento, onde a beleza está no próprio corpo, porém nem todas as formas de dança são atividades lúdicas, “pois muitos estilos privilegiam a reprodução em prejuízo da inovação” (KRISCHKE e SOUSA, 2004, p. 19).

O que confere à dança a mesma fundamentação de jogo é ser uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro; praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendência a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (HUIZINGA, 1996, p.16 apud KRISCHKE E SOUSA, 2004 p.17).

Quando tratamos do ensino da dança por meio da atividade lúdica, do lúdico, a partir de elementos fundamentados pela prática e teoria, teoria e prática, devemos ser coerentes buscando colocar em prática os elementos que caracterizam a dança e o jogo, envolver o jogador por completo, é uma atividade desligada da vida habitual, é limitada a um tempo e espaço determinado, não há nela interesse material, deve se seguir as regras. Há uma relação muito grande entre o jogo (o lúdico) e a dança. “Não é que a dança tenha alguma coisa de jogo, mas, sim, que ela é uma parte integrante do jogo: há uma relação de participação direta, quase de identidade essencial. A dança é uma forma especial e especialmente perfeita do próprio jogo” (HUIZINGA, 2014, p. 183-184).

O lúdico e a dança proporcionam manifestações de alegria, descontração, liberdade, diversão e prazer, e ambos possuem regras e limites, tempo e espaço definidos (SOARES et al., 2009).

As danças populares, mais não só elas são expressões lúdicas, com finalidade comunicativa das emoções, sentimentos e ideias que são extravasadas através dos movimentos carregados de sentido, relacionados ao ser humano que se relacionando com o mundo social por meio da expressão corporal, tornasse uma poderosa via de interação, que permite a expressão de ideias, pensamentos, de emoções e estados afetivos (SBORQUIA; NEIRA, 2008).

Defende-se que a dança faz parte da “cultura corporal ou cultura de movimento, ela é uma manifestação tanto coletiva dos sujeitos (sua cultura), quanto individual (sua intuição e subjetividade)” (SOARES; SARAIVA, 1999, p. 116).

Outra relação muito pertinente a presente pesquisa, é a relação entre música e Educação Física, sempre estão sempre atreladas à dança devido a sua íntima ligação ao ritmo dos movimentos corporais, além de sua afinidade com os jogos, as brincadeiras,

[...] as articulações entre música e jogo mediante a questão do caráter lúdico das ações humanas no campo da cultura. Não se limitando aos sistemas de referência da música, o autor destaca a presença da música em outras práticas como a poesia, em que aquela desempenha nessa última uma função litúrgica. A música também permeia os rituais socioculturais produzidos pelo canto, dança e jogo, tendo como função deslocar a barreira que separa esses elementos da seriedade, característica necessária à efetividade do ritual. O historiador ensina que para os gregos a qualidade do musical se relaciona de forma íntima com o ritual, sobretudo com as festas, quando ocorrem os rituais por meio de danças e jogos; pensando a filosofia como um jogo de enigmas (HUIZINGA, 1980, p. 177-178 apud DA SILVA; ZOBOLI, 2015, p. 132).

Essa característica “festiva” há muito percebida, entre outros, pelo antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), é um aspecto fundante do povo brasileiro. Trata-se de uma peculiaridade de nossa cultura e arte popular, que é permeada por traços brincantes. As manifestações de arte estão conectadas à mesma raiz do impulso lúdico. Como bem observou uma das entrevistadas do documentário, “a grande riqueza da cultura popular reside na possibilidade de viver uma segunda infância” (TARJA BRANCA: a revolução que faltava, 2014, trecho 53:15 min.). (TUXEN, 2016 p. 1019)

Se baseando em Huizinga (1980, p. 185) os autores trazem que “a dança é especial, pois é ao mesmo tempo musical e plástica: musical porque seus elementos principais são o ritmo e o movimento, e plástica porque está inevitavelmente ligada à matéria” (DA SILVA; ZOBOLI, 2015, p. 134).

Na Educação Física outra manifestação que mistura ritmo, canto e dança é o brinquedo cantado. O brinquedo cantado é uma forma lúdica que oferece à criança a possibilidade de brincar com o seu próprio corpo, seja através de música, [...] nas séries iniciais a aplicação do brinquedo cantado visa auxiliar o desenvolvimento da

coordenação sensório-motora, educar o senso rítmico, favorecer a socialização, imaginação e criatividade, equilíbrio, lateralidade, entre outros aspectos (DA SILVA; ZOBOLI, 2015, p. 136).

Por meio de gestos, “a arte de dançar entrelaça a linguagem, expressividade, experiência, percepção, manifestação, sentidos, significações, criação, imaginação, liberdade, presença, sensibilidade. Partes de um simples e ao mesmo tempo complexo DANÇAR! Isso permite aos sujeitos uma pluralidade nas suas relações com o mundo, uma pluralidade na própria singularidade” (FREIRE, 2009, p. 154 apud MARQUES; SURDI; KUNZ, 2013).

Alguns aspectos que são considerados necessários à formação sensível dos alunos indicados por essas propostas, são a composição, apreciação e fruição artística, sempre dialogando com elementos fundamentais no mundo da arte, como a criação, a expressividade, a improvisação, a imaginação e a sensibilidade (MARQUES; SURDI; KUNZ, 2013).

A dança dentro das categorias do jogo propostas por Caillois (1958) é um caminho para a ludicidade, não perde a experiência do belo e da estética. É uma manifestação que contempla uma relação mútua entre a experiência lúdica e a dimensão estética (ASSIS; CORREIA, 2006).

Segundo Mukarovsky (1997), a função estética deixa transparecer um embate de forças que se harmonizam nas contradições. A arte é múltipla, a sua unidade é a tensão. Em outras palavras, a diferença entre uma obra de arte e outras criações humanas é que a arte não se orienta para nenhum objetivo, é desinteressada, não possui nenhuma função. (ASSIS; CORREIA, 2006 p. 122).

O lúdico não é utilitário, é um ato de vontade de cada sujeito, ele habita a ordem da fantasia e do prazer. O ato de dançar permite uma vivência lúdica, há uma semelhança entre ela, a arte e a atividade lúdica que ambas são gratuitas (ASSIS; CORREIA, 2006).

Ao mesmo tempo em que foge das normas, apresenta-se como um desafio à racionalidade, se expressa na dimensão das emoções, é o lugar do inopinado, da subversão, do prazer, do efêmero e do perecível [...] o dançar não garante o lúdico. Muitas vezes, a exacerbação da técnica ou algo que a liga a qualquer noção de funcionalidade pode enfraquecer o aspecto lúdico e o prazer que a acompanha (ASSIS; CORREIA, 2006 p. 122).

A dança como vivência lúdica permite algumas aproximações com as categorias do jogo descritas por Caillois (1958 apud Assis; Correia 2006 p. 123) como: “agon, alea, mimicry e ilinx, que respectivamente representam o papel da competição, da sorte, do simulacro e da vertigem. Todas se inserem no domínio dos jogos, cada uma governada por um princípio original e, em maior ou menor intensidade, podem ser encontradas no domínio da dança”.

Outra relação possível entre a dança e o jogo, que imaginando ver um dançarino em cena, Valéry diz “aqui a certeza é um jogo; dir-se-ia que o conhecimento encontrou seu ato, e que é inteligência de imediato consciente as graças espontâneas [...] e se, de orelhas tapadas, eu a olho, tanto ela é música e ritmo quanto é impossível ficar surdo aos sons da cítara” (VALÉRY, 1996, p. 24 apud RETONDAR, 1998, p. 15).

Segundo Valéry (1996) apud Retondar (1998, p. 15),

A dança promove no espectador e no dançarino uma evasão momentânea da realidade. Tal evasão assume, além do sentido da catarse (isto é, descarga das tensões nervosas através da fuga momentânea da realidade), o sentido de projeto, movimento que pressupõe o afastar-se da realidade para se poder vê-la melhor nesta, através da abrupta mudança de sensibilidade experimentada sobre a forma de êxtase, essa fuga da realidade, descarga de tensões, estão presentes na atividade lúdica.

Na dança assim como na dinâmica da arte o gesto não se resume ao saber-fazer, mas antes ou transcende. “Ou seja, há um movimento dialético entre “prazer”-“desprazer”, contração-distensão, movimento-inércia, construção-desconstrução, sensível-inteligível, embalado por aquilo que Schiller (1990) apud Retondar (1998, p. 15) denominou de impulso lúdico, isto é, o movimento fundado na liberdade da ação que visa, em última instância, se auto-satisfazer (RETONDAR, 1998, p. 15).

Quando o lúdico é inserido na dança, muitas vezes é tratado como momento em que tudo pode acontecer, quando ele é visto como mero momento de distração, relaxamento e compensação das exigências de execução na dança, entretanto ele deveria ser visto como ato de criação da dança a partir do conhecimento já adquirido dela. Ou seja, valorizar o lúdico, na dança, de modo a despertar a liberdade de expressão não elimina os conhecimentos que podem ser adquiridos e transformados, sendo assim há uma direção, embora sem a busca por “resultados” imediatos (KRISCHKE E SOUSA, 2004).

O importante na prática pedagógica da dança e na atividade lúdica numa perspectiva crítica, é não a busca por resultados imediatos, e sim valorizar o processo que leva a esse resultado.

Podemos dizer que o processo educacional que acontece na escola está fragmentado. Temos disciplinas que visam somente ao aspecto cognitivo e intelectual, outras ao afetivo e emocional e, ainda, aquelas que estão relacionadas com os aspectos do comportamento motor. Segundo Gonçalves (2001), existe nas escolas hoje uma valorização especial em relação a ler, escrever e calcular, enfatizando, portanto, um desenvolvimento dos processos cognitivos dos aprendizes, e não oportunizando momentos de manifestações corporais e emocionais. Na escola os processos cognitivos, são, minimizam o que realmente aflora o humano do ser humano: a primeira infância, em sua essência, que deveria ser motivo de alegria, vivenciar o lúdico e promover prazer. Na escola, isso é motivo de incômodo; a sala de aula deveria ser mais viva, recorrendo a uma aprendizagem significativa que privilegiasse a totalidade de ser criança (SURDI; MELO; KUNZ, 2016 p.465).

E em muitas em muitas ocasiões quando a Educação Física pode tentar mudar esse pensamento, encontramos professores com metodologias que busca somente o resultado da ação. Como por exemplo, situações em que o dançar correto é aquele traçado pela professora, os alunos devem executar de forma padronizada, reproduzir a técnica sem nem ou menos pode se alegrar, pois “quando a música iniciou e com ela a dança, a alegria é contagiante, mas a professora rapidamente disse reprime “Tô vendo mais risada do que dança! ”. Assim os alunos vão sendo podados, e reprimidos, devendo se concentrar na coreografia feita pela professora, pois aos olhos da mesma, só assim a dança poderia ficar bonita (SURDI; MELO; KUNZ, 2016 p.465).

Trabalhar a dança, assim como a expressão corporal deve possibilitar que os alunos possam externar seus sentimentos, superar suas limitações gestuais, sua timidez. Para isso acontecer, uma alternativa sugerida são os jogos de expressão corporais utilizados no sentido de facilitar o envolvimento do aluno de forma lúdica, por meio de piquenique, noite no circo, criação de um personagem, comunicar palavras a ser descobertas por um grupo, expressar diferentes efeitos sonoros entre outros. Também pode ser utilizado o silêncio, músicas, sons diversos, utilizar objetos, papéis, percussão no corpo entre outros (BARBOSA-RINALDI; LARA; OLIVEIRA, 2009).

3.5 Dança e a relação com o lúdico nas possibilidades educativas

Como já citado, a dança e a atividade lúdica precisam ser regatadas nas escolas, por tanto uma possibilidade que foi encontrada para o ensino da dança relacionada com o lúdico foi à dança improvisação, onde há uma possibilidade de se trabalhar a dança despertando a criatividade, e por meio de princípios libertadores, de modo que seja possível, mergulhar em um mundo imaginário, libertando-se de uma realidade muitas vezes opressora e alienante em que o sujeito vive na sociedade (KRISCHKE E SOUSA, 2004).

A técnica não pode ser desprezada por ter o lúdico e a improvisação como elementos primordiais para a realização da prática, pois ela é necessária para se aprender uma dança de forma sistematizada, “a improvisação tem disciplina, como no jogo, [...] tem a brincadeira: pode fazer, mas faz sobre o foco X.”. Acho que nesse sentido também a improvisação ajuda a estabelecer essa relação com a disciplina de rigor e quebra de rigor, não só a criatividade (daquela maneira idealista (KRISCHKE E SOUSA, 2004 p.20)). O ato de criar, reproduzir (contextualizado e de maneira consciente) e a auto expressão, tudo acontecendo ao mesmo tempo. São capacidades humanas de extrema importância no processo crítico de ensino e de aprendizagem tendo por base o lúdico. “Para tanto, a inserção dessas possibilidades educativas no contexto de uma concepção dialética materialista de educação é condição indispensável” (KRISCHKE E SOUSA, 2004 p. 24).

A dança e a improvisação são momentos onde “as vivências em improvisação mantinham aproximações com o jogo, relacionando-se com a liberdade, diversão e prazer, porém, também, com regras e limites, tempo e espaço definidos” (SOARES et al., 2009, p. 97). O saber fazer, o obedecer às regras da dança ou do jogo devem ser respeitados, mas não de maneira excessiva sobrepondo-se a liberdade expressão e, conseqüentemente, a perda da especificidade da arte (SOARES; SARAIVA, 1999, p. 104-105).

A modalidade denominada como Dança-Experiência possui “três momentos: o da percepção, através dos sentidos, chegando aos sentimentos; o da experimentação, que compreende a si mesmo e aos outros; da elaboração-criação de algo, através da sensibilidade” (SOARES; SARAIVA, 1999, p. 106).

Soares e Saraiva (1999, p. 106) sugerem pela dança improvisação estratégias didático-pedagógicas que se referem a tematização dos conteúdos e aos meios

estéticos. Esses conteúdos devem ser “tematizados a partir do mundo vivido dos alunos, na perspectiva do respeito aos seus limites e capacidades e possibilitando a resolução de problemas na experimentação do movimento” (p. 107). Dentre as “estratégias incluem a utilização de músicas não habituais, de materiais estranhos e do trabalho com os contrastes de percepção espacial, temporal e dinâmica (repouso-movimento, relaxamento, contração, etc.). Em seguida, considera-se que os meios estéticos, entendidos como as coisas que possibilitam ao Ser Humano, conseguir perceber algo, assim como expressá-lo”.

Ainda sobre a dança-improvisação, trazida no estudo como uma proposta articulada,

[...] a partir dos fundamentos de Barbara Haselbach (1987, 1991), e enriquecida por experiências de Fritsch (1985), Madeleine Mahler (1989) e Uta Münstermann (1983), tratando-se de um ensino centrado nas potencialidades do se-movimentar de cada ser, que são despertadas/fomentadas pela requisição da percepção e diferenciação senso-corpórea, e no desenvolvimento das capacidades de comunicação e expressão, exercidas na criação. Nessa proposta, distinguem-se as formas de trabalho, os processos requisitados para a experiência, que se baseiam na improvisação como conteúdo e processo, o que permite a atribuição de vários outros “conteúdos”, ou formas da dança, tais como o jazz, o tango, a dança moderna, o folclore etc. Desses, aproveitam-se seus componentes técnicos originais, na medida em que as técnicas corporais são “encontradas” nos processos de experimentação, a partir de cada corpo-sujeito (SARAIVA, 2005 p. 161).

Dentre as experiências que a dança improvisação permite estão: relaxar, sonhar, criar, libertar, e deixar fluir pensamentos e sentimentos que quebram um pouco a rotina, os compromissos sociais e de postura (SARAIVA, 2005).

Uma reflexão importante abordada é sobre a imitação na dança improvisação, que é importante estar claro para todos que a “imitação pela imitação não é o mesmo que a imitação mimética, e pode reduzir a dança à técnica ou se “embotar” em modelos estereotipados” (SARAIVA, 2005 p. 166).

Segundo Silva e Rosa (2008) no ensino da dança improvisação o diálogo serve de aproximação entre professor e alunos. Nessa relação dialógica com as crianças (alunos) é possível perceber a necessidade de instigá-los, motivá-los para participar das aulas. Para isso, alguns subterfúgios precisam ser utilizados para motivar, como por exemplo, buscar despertar a curiosidade deles por meio de desafios e atividades lúdicas. As atividades lúdicas aqui referidas foram às atividades de imitação de

animais, objetos, fenômenos da natureza (SILVA; ROSA, 2008). Não houve um aprofundamento sobre o lúdico.

Grando e Honorato (2008) em momento algum abordam o lúdico em seu estudo, porém trazem uma metodologia de ensino da dança que valoriza as ações criativas e espontâneas dos alunos. Essa metodologia é composta de por três fases,

[...] a primeira contemplava a vivência de alguns passos, a segunda da liberdade para que os alunos transformassem os passos vivenciados e a terceira foi a de criação e apreciação, em que os alunos em grupos criaram suas próprias coreografias e apresentaram para a turma (GRANDO; HONORATO, 2008, p. 111).

Os conteúdos de ensino não devem ser considerados estáticos,

[...] “pois são conteúdos dinâmicos, articulados, dialeticamente com a realidade histórica”, devendo ser conduzidos de forma que transmitam uma cultura já existente e que ao mesmo tempo contribuam para novos conhecimentos. Acima que de tudo, a escola deve estar sensível aos valores e vivências corporais que o indivíduo traz consigo, permitindo dessa forma que conteúdos trabalhados tornem-se mais significativos (Sborquia e Gallardo 2006, p.102 apud GARIBA e FRAZONI, 2007 p. 163).

Para o ensino da dança, qual seja ela, é importante contextualizar onde, como a prática iniciou, se são danças locais, regionais, nacionais e internacionais, “levando a interpretação, aprofundamento e ampliação dos saberes culturais, o que permitirá o reconhecimento da heterogeneidade social mediante a democratização das identidades e a valorização da diversidade da cultura corporal” (SBORQUIA; NEIRA, 2008 p.93).

No processo de ensino e aprendizagem é essencial promover debates com os alunos, e a partir do diálogo entender os posicionamentos emitidos, apresentar sugestões. Posicionar os alunos na condição de sujeitos-autores de produtos da cultura corporal, para que possam transformar a prática da dança atendendo às diferenças individuais, respeito pelos limites pessoais. É importante dialogar o que vem sendo abordado entre o senso comum, a cultura acadêmica, para ajudar os alunos a desvendar os discursos embutidos nas danças. Permitindo a superação da alienação provocada pelas informações distorcidas ou fantasiosas dos saberes corporais disponível seja eles socialmente valorizados ou marginalizados. Tendo sempre como base o conhecimento tanto da teoria quanto da prática (gestos, ritmos,

adereços, representantes, coreografias, assim os alunos poderão transformar a dança em objeto de leitura crítica, vivência e reflexão (SBORQUIA; NEIRA, 2008).

A efetivação de uma prática pedagógica que seja possível desenvolver o ser humano de forma integral, professoras que também são pesquisadoras estudam e investigam possibilidades, construir estratégias metodológicas para ensinar a dança na escola. Não apenas a técnica, ou se deixar-se ser levado pela influência da industriacultural que limitam a capacidade expressiva da arte, da criatividade, da liberdade de expressão (SOARES; SARAIVA, 1999 p. 104-105).

As experiências didático-pedagógicas no ato de construir brinquedos artesanais sob temas revolucionários e utiliza-los nas intervenções/mediações na sociedade abordando temas como alienação, exteriorização e estranhamento; discriminações; consumismo, aparelhos ideológicos do Estado. Dentre os objetivos da prática de construção de brinquedos está a ampliação e fortalecimento das discussões voltadas à resistência e ao rompimento dos padrões produtivos, por meio do “brincar” (OLIVEIRA, 2010).

Importante aqui dizer que haviam elementos técnicos que deveriam estar na produção dos brinquedos, que dentre eles havia o quesito: originalidade (buscar o algo que não exista); a criatividade (quanto mais inédito, a possibilidade de ser criativo se amplia, embora nem todo brinquedo criativo, seja inédito); atratividade externa (acabamento, pinturas, texturas, etc.); segurança; adequação (adequar o tema e as regras, aos sujeitos quanto mais grupos poderem brincar, melhor é a adequação [...]); motivação (peso, tamanho, surpresas, mecanismos, etc.); peças soltas (minimizar as peças soltas do brinquedo para evitar perdas e desmotivação); regras autoexplicativas, (explicações fáceis de ser entendida e assim mais facilmente de o brinquedo ser usufruído). (OLIVEIRA, pg. 175, 2010).

Segundo Sborquia e Neira (2008), os conteúdos nas aulas de educação física devem ser ensinados a partir de uma leitura da realidade social, e a prática pedagógica deverá ser compreendida e contextualizada pela teoria em um constante movimento dialético. Assim o professor, a partir de uma avaliação sistemática da aprendizagem dos alunos pode reorientar suas ações didáticas.

No trabalho da dança quando tratamos de princípios que seja a educação do ser humano, devemos ter a perspectiva de fazer com que as pessoas se tornem mais sensíveis, criativas e expressivas (FIAMONCINI, 2003). Além de poder

proporcionar a elas uma consciência crítica, permitindo aos praticantes a autonomia, transformação de pensamento, de ações. Como também contribuir na formação dos sujeitos, podendo possibilitar experiências capazes de trazer novos sentidos à existência humana, agindo como estimuladora de experiências criadoras, subjetivas e emancipadas (MARQUES; SURDI; KUNZ, 2013).

Segundo Betti; Zuliane (2002) os conteúdos e estratégias metodológicas devem sempre propiciar os seguintes princípios: o Princípio da inclusão (propiciar a inclusão de todos os alunos); o Princípio da diversidade (trabalhar com conteúdos na totalidade de possibilidades da cultura corporal de movimento, jogos, esporte, atividades rítmicas e dança, lutas, ginásticas etc.); o Princípio da complexidade (os precisam ter conteúdos uma progressão na complexidade, tanto do ponto de vista motor, como cognitivo); o Princípio da adequação ao aluno (levar em conta as características e capacidades do aluno, nas perspectivas motora, afetiva, social e cognitiva).

A partir de uma perspectiva crítica de educação, as experiências trazidas no artigo “O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de educação física na perspectiva crítica”, implementou uma intervenção, nas aulas de Educação Física, com referência nas discussões curriculares. Buscando possibilidades concretas de trato com o conhecimento no currículo escolar. Os elementos que qualificaram a intervenção foram o planejamento participativo; problematização; recuperação do acervo dos alunos; pesquisa escolar; produção coletiva para a sistematização das aulas; avaliação sistemática interativa (BRASILEIRO, 2002).

As aulas em linhas gerais seguiram a seguinte organização,

1. Planejamento das aulas é apresentado e problematizado com os alunos [...] e no final da aula apresentávamos indicativos de continuidade para a próxima aula;
2. Recuperação do acervo dos alunos nas aulas: de forma gráfica, oral ou corporal [...]
3. Participação efetiva dos alunos no desenvolvimento das aulas [...]
4. Novas Aprendizagens [...] houve ampliação das na sistematização/aprofundamento dos conceitos da dança.
5. Produção coletiva para a sistematização das aulas: identificando dificuldades e possibilidades de superação, composição e improvisação em grupos; [...]
6. Dinâmica do trabalho (problematizações, pesquisa, seleções): [...]
7. Avaliação sistemática do trabalho: as aulas eram orientadas para reconhecermos, ao longo das mesmas, se atingimos ou não o objetivo, de forma a analisarmos os elementos que dificultaram e os

que ajudaram no seu andamento; como avaliação final da nossa intervenção, tivemos o Festival, e o registro gráfico ou escrito sobre o desenvolvimento das aulas. [...]Dificuldades com questões de comportamento e relação interpessoal entre os alunos; Elementos externos à aula que intervinham/dificultavam-na: organização do espaço e do material para aula; ausência de professores da escola (BRASILEIRO, 2002 p.12-13).

Outro estudo relevante em relação a prática pedagógica foi “Exercícios Qualitativos de Avaliação com Ritmo, Expressão Corporal e Dança na Formação em Educação Física”. O artigo traz a experiência dos alunos do curso de graduação em educação física da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro, realizadas no segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014 respectivamente, na disciplina de Atividades Rítmicas e Expressivas (o trabalho de sensibilização corporal através de práticas de musicalização, percussão corporal, exercícios com rimas, cantigas de roda, jogos rítmicos, mímicos e expressivos), e no semestre seguinte, a disciplina de Dança, (vivenciar e estudar diversas linguagens da dança presentes em diferentes contextos histórico-culturais) (ALVES, 2016).

Com essas vivências, a disciplina de Dança reforça a abertura às sensibilidades e a potencialização da criatividade e da expressão corporal oferece ao futuro professor a possibilidade de vivenciar a experiência intensiva (lúdica) na formação em Educação Física, dentro de um contexto diferente daquele constituído na prática (ALVES, 2016).

Freire (1975, 1979, 1996 apud Alves, 2016) já denunciava em seus estudos as tendências nas disciplinas de Atividades Rítmicas e Expressivas e Dança quando querem quantificar o desempenho dos alunos, os submetendo a diretrizes avaliativas restritas que pouco se preocupam com os processos, pois só se importam com os resultados. Mas, os jogos rítmicos e expressivos e as aulas de dança fogem da objetividade, pois se busca nela o desenvolver da sensibilidade, da criatividade e da expressão corporal dentro do contexto da produção artística, que é rico em subjetividade (ALVES, 2016).

A proposta pedagógica sistematizada nesse estudo se mantém em aberto, pois é dinâmica, é de acordo com as relações que se constituem na prática enquanto processos de ensino e aprendizagem. A base teórica utilizada foi a Dança Criativa, a partir do referencial do Método Laban que possibilita que os alunos criem

suas próprias danças com seus corpos e emoções, além de permitir e incentivar os alunos a experimentar, explorar e expandir a própria expressividade, quanto a prática no desenvolvimento psicomotor (MARQUES, 2012a, 2012b apud ALVES, 2016 p. 77).

O planejamento realizado foi, o seguinte:

1- O primeiro passo foi reconhecer que, para valorizar a experiência intensiva e considerar uma possibilidade de apreensão dessa experiência, era preciso atrelar o exercício avaliativo ao processo, isto é, ao movimento efetivamente constituído nas aulas vivenciadas ao longo de todo o semestre. Assumimos, portanto, um caráter processual da avaliação em detrimento de registros pontuais que restringissem o exercício avaliativo às apreensões conceituais do conhecimento ensinado. 2 - Assim, acompanhando os processos, valorizamos as ações criativas e expressivas forjadas pelos próprios alunos a partir das proposições lançadas pelo professor. Essa opção pelo processo não passou despercebida pelos alunos. Esta expressão escrita traz uma mostra do que queríamos alcançar ao valorizar o processo, pois, ao invés da apreensão conceitual e objetiva, nos interessava a transformação dos conceitos junto à realização de projetos e trabalhos ao longo da disciplina. Para tanto, foi preciso garantir aos alunos diferentes vivências, a partir das quais se desencadearam as aprendizagens dos alunos acerca do ritmo, da criatividade, da dança e da expressão. No intuito de organizar essas aprendizagens e perceber seus efeitos no âmbito avaliativo, distinguimos o funcionamento de quatro dispositivos no decorrer das disciplinas aqui consideradas: 1. Exercícios de Escrita de Si; 2. Trabalhos Coletivos; 3. Monitorias em Dança; e 4. Processo Criativo, montagem e apresentação artística (ALVES, 2016).

Os processos criativos foram às estratégias a partir das quais os alunos encontraram elementos para o desenvolvimento de escritas de si, eram diários que no final de cada aula, com a experiência “fresca” na memória, compunham suas escritas movidos não só pelo registro descritivo, mas também motivados pela impressão das sensações e sentidos experimentados com a prática (ALVES; CARVALHO; DIAS, 2011 apud ALVES, 2016). Segundo Michel Foucault, a escrita de si constitui como movimento expressivo na medida em que estimula os “movimentos do pensamento” (FOUCAULT, 2006, p. 145 apud ALVES, 2016).

Um exemplo dessa abertura à criação pode ser visualizado na atividade “Corpos-letras palavras”, que foi ministrada em uma das aulas sobre pesquisa e exploração de movimentos corporais. Nessa atividade os alunos foram divididos em grupos e a eles foi proposto um desafio: usarem os próprios corpos para representar letras que, juntas, deveriam formar uma palavra. Desta proposição partiu o

trabalho coletivo de criação. Como representar a letra “P”, por exemplo? Que plano espacial utilizar? É preciso mais que uma pessoa para compor essa letra? Quem fica de pé? Quem segura? Onde colocar o pé? (ALVES, 2016).

Uma forma de organização importante foi a orientação dos trabalhos dos grupos com um modelo de aula. Onde a montagem da aula foi dividida em “momentos”, discriminamos a seguir: momento de preparação e dissolução da percepção cotidiana no trabalho com alongamentos, com a respiração, relaxamentos, massagens, visando preparar o corpo para a aula prática; momento técnico-expressivo trabalho rítmico envolvendo o universo técnico escolhido pelo grupo. Exemplo: trabalho com elementos da capoeira com exploração de movimentos próximos ao chão (plano médio e baixo); e momento Jogos de Improvisação exercícios lúdicos realizados individualmente, em dupla ou em grupos, nos quais deve haver exploração do trabalho técnico realizado no momento técnico-expressivo anterior (ALVES, 2016).

Para Alves (2016) o processo nas aulas com a abertura para a “inovação” e o “improviso” possibilitou a valorização do processo criativo e manteve a preocupação e o olhar avaliativo sobre os movimentos constituídos nesse processo, ou se já, a aula esta valorizada no processo de obtenção dos conhecimentos, não nos resultados, que são imediatos e muitas vezes superficiais.

Romera (2003) apud Caramêset al. (2012), trazem algumas características importantes para a prática pedagógica em que há o lúdico em sua essência, para no qual,

[...] o exercício de ensinar/ aprender, quanto mais espontânea e prazerosa for à atividade melhores os resultados que seus praticantes obterão. E assim, é pertinente evidenciar que o lazer e o lúdico ultrapassam o prazer sinestésico, oferecido pela prática do movimento e que possibilita, de maneira eficaz, as diversas necessidades individuais, multiplicando assim, as oportunidades de se obter prazer (CARAMÊS et al. 2012, p. 181).

Ser professor com uma prática pedagógica com responsabilidade social, exige uma eterna ação-reflexão-ação, é um constante movimento, é uma necessidade básica para uma prática docente crítica. Ou seja, não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino (FREIRE, 1996 apud KLEINUBING; SARAIVA, 2009).

A dança é uma prática corporal que permite o aumento do repertório de movimento dos sujeitos, ampliando o diálogo com o corpo próprio e com o corpo do outro, aprofundando o conhecimento do mundo do qual faz parte (KLEINUBING; SARAIVA, 2009 p. 201).

Esses estudos que podem auxiliar a elaboração da prática pedagógica da dança, porém é não devemos reproduzir, mais sim refletir de forma crítica essas informações concretas obtidas, e elaborar nossa própria prática pedagógica fundamentada teoricamente falando, e contextualizada socialmente ao grupo que estamos ensinando.

Percebe-se que a criatividade é um ponto essencial em comum entre as propostas, a maioria possui algum dos elementos que compõem o lúdico. Porém, nenhuma delas temo lúdico como pressuposto teórico e metodológico, assim como uma aula que tenha um avanço, que busque a promoção humana, onde haja a relação constante de avaliação entre teoria e prática, prática e teoria.

3.6 Dança na escola educação transformadora para a emancipação social

As propostas oficiais colocam a importância da dança em geral, como expressão da cultura brasileira, porém, na realidade concreta, tanto em publicações, até o momento estudado, são poucas as propostas pedagógicas que trabalham a dança, menos ainda a dança brasileira forró pé de serra que trabalhe essa dança em uma perspectiva de atividade lúdica.

As discussões e conflitos sobre a inserção da dança na escola acontecem a mais de três décadas, e as dificuldades encontradas naquela época não se distanciam daquelas contextualizados nos dias atuais, problemas na formação de professores falta de sistematizações sobre a dança, bem fundamentadas, e publicadas (SANTIAGO; FRANCO, 2015).

Essa discussão não é nova, Medina (1983) já falava que tanto as instituições escolares quanto os professores de Educação Física precisam se convencer de que além de técnicas e informações, há novos conhecimentos e experiências que devem ser proporcionadas aos alunos, experiências que os ensinem “a viver mais plenamente, dentro de todas as suas dimensões intelectuais, sensoriais, afetivos, gestuais e expressivas”, pois sem essas dimensões, estaremos ensinando

atividades “inautênticas, pobres, insignificantes no sentido de promover vidas mais cheias de vida” (MEDINA, 1983, p. 63), onde a meu ver a atividade lúdica cabe perfeitamente como pressuposto teórico e metodológico, no ensino da dança, assim como das demais práticas corporais.

Isso considerando uma prática pedagógica fundamentada que tenha um compromisso social, onde não o condicionamento dos alunos a meras reproduções sem sentido, não busquem resultados pronto, mas valorizando o processo de elaboração do conhecimento.

Portanto,

O educador da área da educação física, assumindo uma atitude consciente na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade, buscando na dança uma oportunidade de levar o indivíduo a desenvolver sua capacidade criativa, numa descoberta pessoal de suas habilidades, contribuindo de maneira decisiva para a formação de cidadãos críticos, autônomos e conscientes de seus atos, visando a uma transformação social (GARIBA, FRANZONI 2007, p. 168)

Corroboro com Fiamoncini (2003) quando diz não podemos reduzir o ensino da dança à mera transmissão de um conhecimento já pronto, esse pensamento reducionista provém da produção científica da área que se limitou a livros de história da dança, biografias e manuais de dança, com explicações de técnicas com demonstração de passos por meio de figuras. Sendo que o caminho mais recomendável para ensinar a dançar, seria favorecer a criatividade, a experimentação, buscando a superação dos modelos, tanto de movimento quanto de pensar, de sentir. E ainda, complemento que precisamos também contextualizar qualquer que seja essa dança, e toda a sua influência social, histórica e cultural, que levou ao seu surgimento.

Ainda Schartz (1998) o próprio professor ter aprendido a sublimar seus desejos, emoções e prazeres, negligenciado sua própria expressividade e espontaneidade, e assim não conseguem respeitar a essas características em seus alunos. Passando a não ver o papel social do lúdico, e sua função pedagógica? “Ao tentar responder uma das questões acima formuladas, poder-se-á explicar, então, a pobreza de compreensão sobre o papel das atividades lúdicas na educação evidenciando, também, a falta de sensibilidade no que tange a questão de relação professor- aluno” (SCHARTZ, 1998, p. 72).

É importante priorizar o trabalho com a dança como uma expressão corporal rica em diversidade de movimentos e temáticas, de potencial crítico e reflexivo, de modo, que não se discrimine o menos habilidoso, mas prioriza as diferenças (BARBOSA-RINALDI*; LARA; OLIVEIRA, 2009 p. 233)

Para o autor Sant'anna (2011, p. 18) que estuda sobre “A História do Lúdico na Educação”, diz que Piaget, Wallon, Dewey, Leif, Vygotsky, defendem que o lúdico,

[...] é essencial para a prática educacional, no sentido da busca do desenvolvimento cognitivo, intelectual e social dos alunos. Considerando que os jogos estão presentes nas vidas, não só da criança, mas também dos adultos, isto os torna instrumentos que podem ser utilizados para o desenvolvimento de qualquer pessoa e, portanto, deve ser levado em consideração pelos educadores em qualquer nível de ensino. Qualquer atividade lúdica provoca estímulos nas pessoas, explorando seus sentidos vitais, operatórios e psicomotores, propiciando o desenvolvimento completo das suas funções cognitivas.

O jogo é um elo que integra os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Sendo que as brincadeiras podem e devem ser utilizadas em todas as fases da vida escolar, inclusive na educação de jovens e adultos, pois não importa a idade estes também aprendem jogando e desenvolvendo atividades recreativas. Os “divertimentos lúdicos, para muitos filósofos, psicólogos e educadores é o berço obrigatório das atividades intelectuais e do desenvolvimento das funções superiores, por isso é indispensável à prática educativa” (CASTILHO; TONUS, 2008).

É necessário o resgate do lúdico, para o esteio da essência humana. Devemos ensinar para que seja possível aos alunos redescobrir o corpo como ofício da alegria, do brincar, na qual a brincadeira é tarja branca, é o remédio, para os problemas psicológicos, sociais, humanos (TÜXEN, 2016).

Por fim, vivemos em uma sociedade estressada e demasiadamente controlada, trabalhamos com altas jornadas diária de trabalho, muitos, se não praticamente todos, em uma asfixiante sensação de falta de tempo e um descontentamento com a pouca liberdade do ambiente das ocupações profissionais, pois a ordem é produzir, os resultados são para ontem. Os afazeres se multiplicam, impossibilitando espaço para inspiração criadora tão presente nos domínios do jogo, do lúdico, como bem diz Tuxen (2016).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da dança na escola, em geral, está sendo pouco trabalhado, por várias justificativas. Por um lado, mais presente em nosso estudo foi a constatação da carência de uma formação mais aprofundada e consistente da dança nos cursos de formação inicial de Educação Física, por outro, ao aliarmos o ensino da dança ao Forró pé de serra forjado como cultura brasileira, a questão se agrava. Se as danças hegemônicas, com história e presença longa na vida de toda a humanidade, não se faz presente na escola, imagina uma expressão de cultura popular. Aspiramos, pois, que uma dança de origem popular com uma matriz de resistência sócio histórica tenha o reconhecimento da sua possibilidade educativa, no entanto, nesta pesquisa, percebemos uma distância profunda desta realidade escolar. Isso é visível pela falta de estudos publicados sobre este assunto, bem como o tratamento dado a atividade lúdica no sentido de considerá-la uma atividade marginal confundida com improdutividade. Assim, em uma sociedade em que preza muito a produtividade (para o capital, é bom que se frise) isto implica na desvalorização dessa prática de forma preconceituosa e de senso comum.

Vimos que desde os Parâmetros Curriculares serem elaborados, poucas foram às mudanças em relação às possibilidades de práticas pedagógicas da dança na escola. Muito menos associada ao lúdico em uma sistematização teórica na área da educação física escolar, pelo menos em relação as que estão publicadas nas duas revistas principais (banco de dados) utilizados para esse estudo (Revista Motrivivência e Revista Movimento).

Dessa maneira, a dança ainda é um assunto que desperta pouco interesse científico para o campo da Educação Física. Por outro lado, se a discussão da dança em geral ainda permanece restrita e pouco analisada no âmbito educacional fixam-se as dificuldades de fruição de atividades lúdicas na relação com o ensino da dança.

A formação de professores na área da dança também é considerada superficial, no decorrer do presente estudo percebemos a fragilidade existente na formação de professores nas Universidades, o que por consequência faz com que a dança na escola seja ensinada sem uma prática pedagógica fundamentada teoricamente, resultando em apresentações esporádicas em eventos.

Ao tratarmos a dança em sua conexão com a atividade lúdica constatamos um vazio a ser preenchido com a necessidade de se aprofundar os estudos e pesquisas que fundamentem e orientem a prática pedagógica.

Percebemos também certa discriminação em relação à atividade lúdica numa permanente confusão conceitual, pois fica escondida que esta atividade, por não ter uma definição exata sobre ela, tendem a vê-la como uma alternativa também confusa haja vista encontrarmos, de certa forma, uma perspectiva marginalizada para o seu processo pedagógico. Uma incoerência com as ricas possibilidades que o lúdico tem e poder proporcionar avanços na vida individual, mas também na vida coletiva de cada sujeito.

Na escola é imprescindível que haja compromissos efetivados com os conhecimentos que promovam a emancipação humana. Para que isso aconteça devemos tratar o conhecimento levado para a escola de maneira que haja uma direção clara para a prática pedagógica. Para isso os/as professores/as não podem ver na dança apenas os gestos mecânicos, mas uma expressão cultural, artística, livre, criativa, sensível e subjetiva, que precisa explicitar um algo a mais, uma possibilidade de mudança, um avanço social.

É certo que a dança e a atividade lúdica possibilitam o fruir artístico, a liberdade, o ser espontâneo e criativo, ambas são expressões vivas de criação humana, pode despertar alegria e transformações. Vemos a dança como um jogo que no ato de criar por meio da expressão corporal se apresenta como uma possibilidade de muita riqueza humana. Ambas, provêm desta maneira de fomentar a expressão individual ou de grupo.

A cultura de um povo que ainda carrega a naturalidade e espontaneidade de expressões ricas de sentido humano, portanto, no âmbito educacional deve ser reconhecida e valorizada. Os cuidados devem estar na compreensão de que a atividade lúdica e a dança não se restringem a um momento livre e improdutivo e muito menos como um entretenimento de passa tempo, mas, na realidade ambos se constituem num conhecimento transformador. Consequentemente, vimos que a dança brasileira forró pé de serra e a Educação Física fomentam atividades lúdicas capazes de contribuir na superação das contradições incabíveis na escola.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Fernando Donizete; SOMMERHALDER, Aline. LÚDICO, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ESCOLAR: (DES) ENCONTROS. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 4, n. 2, p.144-164, nov. 2010. Quadrimestral. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/100/90>>. Acesso em: 08 out. 2017.
- ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana Martins. Entre o jogo e o estético e o impulso lúdico: Um ensaio de dança. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 2, p.121- 130, jan. 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/96>. Acesso em: 30 março 2018.
- AUTORES, Coletivo de. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 200 p. BRASIL. Ministério da Educação - Secretaria de Educação Fundamental - PCN's: Parâmetros Curriculares Nacionais- Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.62 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf> Acessa em: 05 de outubro de 2017.
- BARBOSA-RINALDI, Ieda Parra; LARA, Larissa Michelle; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Contribuições ao processo de (re) significação da Educação Física escolar: dimensões das brincadeiras populares, da dança, da expressão corporal e da ginástica. **Movimento**, Maringá, v. 15, n. 2, p.217-242, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/7221>. Acesso em: 12 maio 2018.
- BRASILEIRO, Livia Tenorio. O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de Educação Física na perspectiva crítica. **Movimento**, v. 8, n. 3, 2002. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2646>. Acesso em: 01 maio de 2018.
- BROUGÈRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. **Revista Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.103-116, dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010225551998000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- CARAMÊS, Aline de Souza et al. Atividades Circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. **Motrivivência**, n. 39, p. 177-185, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n39p177>. Acesso em: 07 março 2018.
- CASTILHO, Marlene da Aparecida; TONUS, Loraci Hofmann. O LÚDICO E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **SynergismusScientifica**, Pato Branco, v. 3, n. 2, p. s/n, 2008. Anual. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/viewFile/416/210>>. Acesso em: 15 out. 2017.

DA SILVA, Renato Izidoro; ZOBOLI, Fabio. Música, corpo e Educação Física. **Motrivivência**, v. 27, n. 44, p. 125-141, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n44p125>. Acesso em: 10 março 2018.

DIAS, Cláudio Antônio; MORAES, Ligia Cristiane; PALAFOX, Gabriel H. Muñoz. DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: VIVENDO E CONHECENDO O “FORRO”. Revista Especial de Educação Física, nº. 2 , p. 163-173, 2005. Disponível em: http://www.nepecc.faeff.ufu.br/arquivos/simp_2004/3.expressao_corporal/3.2_Danca_e_ed_fis.pdf. Acesso em: 20 out. 2017.

DINIZ, Irla Karla dos Santos; DARIDO, Suraya Cristina. Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de Educação Física: aproximações a partir do currículo do estado de São Paulo. **Movimento**, v. 21, n. 3, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/53073>. Acesso em: 13 maio de 2018.

Ementa do Curso Dança Brasileira Forró Pé de Serra I e II, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, (2017). Disponível <http://portalcds.ufsc.br/files/2017/08/LISTA-DE-TURMAS-2017-2-Retificada-15ago17-Divulgar.pdf>. Acesso em: 28 out. 2017

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Motrivivência**, v. 19, n. 28, p. 27-37, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/9123>. Acesso em: 15 março 2018.

FIAMONCINI, Luciana. DANÇA NA EDUCAÇÃO: A BUSCA DE ELEMENTOS NA ARTE E NA ESTÉTICA. **Pensar A Prática**, v. 6, p.59-72, 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/feff/article/view/16055>>. Acesso em: 08 out. 2017.

GARIBA, Stalliviere; Chames Maria; FRANZONI, Ana. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, v. 13, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/3553>. Acesso em: 19 maio de 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOES, Miriam. O brincar de ontem e o brincar de hoje: Suas diferenças e implicações para as aulas de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 9, p.308-317, dez. 1996. Anual. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5850/20473>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **DICIONÁRIO Crítico de Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Inijui, 2014. 679 p.

GRANDO, Daiane; HONORATO, Ilma Célia Ribeiro. O Ensino do Conteúdo Dança na 5ª e 6ª Série do Ensino Fundamental a Partir da Dança Folclórica e da Dança de Rua. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 99-114, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p99>. Acesso em: 10 março 2018.

HUIZINGA, Johan. **HOMO LUDENS**. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.143 p.
KLEINUBING, Neusa Dendena; CARMO SARAIVA, Maria do. Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. **Movimento**, v. 15, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/4610/6953> em: 01 maio de 2018. Acesso em: 19 maio de 2018.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2a Ed Rio de Janeiro Paz e Terra. 1976.

KRISCHKE, Ana Maria Alonso; SOUSA, Iracema Soares de. DANÇA IMPROVISAÇÃO, UMA RELAÇÃO A SER TRILHADA COM O LÚDICO. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 23, p.15-27, dez. 2004. Anual. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2017/3899>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

KRISCHKE, Ana Maria Alonso; SOUSA, Iracema Soares de. DANÇA IMPROVISAÇÃO, UMA RELAÇÃO A SER TRILHADA COM O LÚDICO. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 23, p.15-27, dez. 2004. Anual. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2017/3899>>. Acesso em: 21 ago. 2017

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2014. 152 p.

LIMA, Elaine Cristina Pereira; FIAMONCINI, Luciana. Dançando na escola, politizando a dança: um estudo sobre o projeto dança escolar da Prefeitura Municipal de São José. **Motrivivência**, n. 23, p. 29-44, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/4702>. Acesso em: 10 março 2018.

MADUREIRA, José Rafael. Delsarte e Dalcroze: Personagem de uma dança (RE) descoberta. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v.20. n. 2 e 3, p. 180-184, abr.1999. Disponível em: <https://novo.cev.org.br/biblioteca/delsartes-dalcroze-personagens-uma-danca-re-descoberta/>. Acesso em: 14 maio 2018.

MARIN, Elizara Carolina. LUDICO: Semente a Fertilizar. **Motrivivência**, Florianópolis, p.186-193, dez. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/5824/20461>>. Acesso em: 27 ago. 2017.

MARINHO, Alcyane. A educação física precisa do jogo? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 9, p.160-164, 1996. Anual. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5668>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MARQUES, Danieli Alves Pereira; SURDI, Aguinaldo César; KUNZ, Elenor. "Projeto de dança Uniguaçu": tecendo experiências pedagógicas. **Motrivivência**, n. 40, p. 153-167, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n40p153>. Acesso em: 15 maio 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, vol. 1, Bertrand Brasil, 1989.

MEDINA, João Paulo Subirá. A Educação Física Cuida do Corpo...e Mente. Campinas: Papirus, 1983. 96 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **PESQUISA SOCIAL: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016. 95 p.

MIRANDA, Amanda Caroline de. **O JOGO DA EDUCAÇÃO FÍSICA, APROXIMAÇÕES COM A ESCOLA**. 2015. 119 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MOREIRA, Jaqueline C. Castilho; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Conteúdos lúdicos, expressivos e artísticos na educação formal**. Educ. rev. n.33. Curitiba, 2009.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602009000100014&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 17 set. 2017.

OLIVEIRA, Rogério Massarotto. Grupo de estudos e pesquisas Marxlutte: lúdico, trabalho, tempo livre e educação. **Motrivivência**, n. 35, p. 264-278, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2010v22n35p264>. Acesso em: 18 março 2018.

PEREIRA MARQUES, Danieli Alves et al. Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia. **Movimento**, v. 19, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/26494>. Acesso em: 27 maio de 2018.

QUADROS JUNIOR, Antonio Carlos de; VOLP, Catia Mary. Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p.127-130, maio 2005. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/11n2/12JAC.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.

RECREIO: Espaço Inclusivo no Contexto Escolar. Colégio de Aplicação, Universidade Federal de Santa Catarina, (2017). Disponível em: <http://recreioaccessivel.paginas.ufsc.br/> Acesso em: 27 nov. 2017.

RETONDAR, Jeferson José Moebus. Dança e arte ou o sensível e o inteligível em Hegel e Válerly. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 19. N. 2, p. 14-19, jan. 1998. Disponível em: <https://novo.cev.org.br/biblioteca/danca-arte-o-sensivel-o-inteligivel-hegel-valery>. Acesso em: 14 maio 2018.

ROCHA, Deizi Domingues da; REZER, Ricardo. ESTÉTICA, FORMAÇÃO INICIAL E DANÇA: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Movimento (esefid/ufrgs)**, [s.l.], v. 21, n. 4, p.865-876, 9 jun. 2015.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.51878>. Acesso em: 27 maio de 2018.

SANT'ANNA, Alexandre. A história do lúdico na educação. **Revemat**, Florianópolis, v. 6, n. 2, p.19-36, 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/download/1981-1322.../21784>>.

Acesso em: 15 out. 2017.

SANTIAGO, Bruna Gomes; FRANCO, Neil. Dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2014). **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 189-208, 2015. Disponível em:

[https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p189)

[8042.2015v27n45p189](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p189). Acesso em: 15 março 2018.

SANTIN, Silvino. Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico. **Porto Alegre: ed. EST/ESEF-UFRGS**, 1994. Disponível em:

http://labomidia.ufsc.br/Santin/Livros/EF_da_alegria_do_ludico.pdf . Acesso em: 01

out. 2017.

SARAIVA, Maria do Carmo. Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n. 3, p.157-171, maio 2009. Disponível em:

<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/540>. Acesso em: 09 maio

2018.

SBORQUIA, Silvia Pavesi; NEIRA, Marcos Garcia. As Danças Folclóricas e Populares no Currículo da Educação Física: possibilidades e desafios. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 79-98, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175.../12957>.

Acesso em: 14 março 2018.

SCARPATO, Marta Thiago. **O corpo cria, descobre e dança com Laban e Freinet**. 1999. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275319/1/Scarpato_MartaThiago_M.pdf>. Acesso em: 28 out. 2017.

SCHWARTZS, Gisele Maria. O Processo Educacional em Jogo-Algumas Reflexões Sobre a Sublimação do Lúdico. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, 1998. Disponível em:

<http://cev.org.br/biblioteca/o-processo-educacional-jogo-algumas-reflexoes-sobre-sublimacao-ludico/>. Acesso em: 01 out. 2017.

SILVA, Queila; ROSA, Marcelo Victor. ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DAS AULAS DE DANÇA IMPROVISAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL. **Motrivivência**, v. 20, n. 31, p. 66-78, 2008. Disponível em:

[https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p66)

[8042.2008n31p66](https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n31p66). Acesso em: 18 março 2018.

SOARES ALVES, Flávio. A dança «en-cena» o outro: prerrogativas para uma educação estética através do processo criativo. **Movimento**, v. 15, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/5391/0> Acesso em: 12 maio de 2018.

SOARES, Flávio Alves. Exercícios qualitativos de avaliação com ritmo, expressão corporal e dança na formação em educação física. **Movimento**, v. 22, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/56369>. Acesso em: 20 maio de 2018.

SOARES, Andresa et al. Educação Física e Família: construindo aproximações por meio da dança na escola. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/2175-8042.2008n30p91>. Acesso em: 12 março 2018.

SOARES, Andresa Silveira; SARAIVA, Maria Do Carmo. Fundamentos teórico-metodológicos para a dança na Educação Física. **Motrivência**, n. 13, p. 103-118, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/14361> Acesso em: 05 maio 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONHECIMENTO E ESPECIFICIDADE1. **Revista Paulista de Educação Física**, Campinas, p.6-12, 1996. Disponível em: <https://fefd.ufg.br/up/73/o/Texto_65_Educao_Fisica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-_Carmem_Lucia_Soares.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

STRAZZACARPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n53/a05v2153.pdf>

SURDI, Aguinaldo Cesar; MELO, Jose Pereira de; KUNZ, Elenor. O brincar e o se-movimentar nas aulas de educação física infantil: realidades e possibilidades. **Movimento**, v. 22, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/58076/37377>. Acesso em: 19 maio de 2018.

TRIVINOS, Augusto Nilbaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TÜXEN CARNEIRO, Kleber et al. Resenha da obra cinematográfica Tarja branca: a revolução que faltava. **Movimento**, v. 22, n. 3, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/57795> Acesso em: 12 maio de 2018.

VASCONCELOS, Fátima Ferreira; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. Ancoragem da representação social da educação física escolar nas abordagens teóricas da educação física. **Motrivência**, v. 26, n. 43, p. 164-182, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/32958>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ANEXO A - ARTIGOS ANALISADOS E SEUS RESPECTIVOS AUTORES

- REVISTA MOTRIVIVÊNCIA

1. *TÍTULO:* ANCORAGEM DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NAS ABORDAGENS TEÓRICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOR: Fátima Ferreira Vasconcelos, Pedro Humberto Faria Campos
ANO: 2014.

2. *TÍTULO:* ATIVIDADES CIRCENSES NO ÂMBITO ESCOLAR ENQUANTO MANIFESTAÇÃO DE LUDICIDADE E LAZER

AUTOR: Aline de Souza Caramês, Hugo Norberto Krug, Cassiano Telles, Daiane Oliveira da Silva
ANO: 2012.

3. *TÍTULO:* A EDUCAÇÃO FÍSICA PRECISA DO JOGO?

AUTOR: Alcyane Marinho
ANO: 1996.

1.2.1

4. *TÍTULO:* FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOR: Andresa Silveira Soares, Maria Do Carmo Saraiva
ANO: 1999.

5. *TÍTULO:* DANÇA IMPROVISAÇÃO, UMA RELAÇÃO A SER TRILHADA COM O LÚDICO

1.2.2 *AUTOR:* Ana Maria Alonso Krischke, Iracema Soares de Sousa

1.2.3 *ANO:* 2004.

6. *TÍTULO:* DANÇANDO NA ESCOLA, POLITIZANDO A DANÇA: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO DANÇA ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ

AUTOR: Elaine Cristina Pereira Lima, Luciana Fiamoncini
ANO: 2004.

7. *TÍTULO:* EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: a difícil e incontornável relação teoria e prática

AUTOR: Paulo Evaldo Fensterseifer, Fernando Jaime González
ANO: 2007.

8. *TÍTULO:* O ENSINO DO CONTEÚDO DANÇA NA 5ª E 6ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA DANÇA FOLCLÓRICA E DA DANÇA DE RUA

1.2.4 *AUTOR:* Daiane Grando, Ilma Célia Ribeiro Honorato

1.2.5 *ANO:* 2008.

1.2.6

9. *TÍTULO:* EDUCAÇÃO FÍSICA E FAMÍLIA: construindo aproximações por meio da dança na escola

AUTOR: Andresa Silveira Soares, Maria do Carmo Saraiva, José Luis Cirqueira Falcão
ANA: 2008.

10. *TÍTULO:* ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DAS AULAS DE DANÇA IMPROVISAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

AUTOR: Queila Silva, Marcelo Victor Rosa

ANO: 2008.

11. *TÍTULO:* AS DANÇAS FOLCLÓRICAS E POPULARES NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: possibilidades e desafios

AUTOR: *Silvia PavesiSborquia, Marcos Garcia Neira*
ANO: 2008

12. *TÍTULO:* GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS MARXLUTTE: LÚDICO, TRABALHO, TEMPO LIVRE E EDUCAÇÃO

AUTOR: *Rogério Massarotto Oliveira (Coord.)*
ANO: 2010.

13. *TÍTULO:* “PROJETO DE DANÇA UNIGUAÇU”: TECENDO EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS

AUTOR: *Danieli Alves Pereira Marques, Aguinaldo César Surdi, Elenor Kunz*
ANO: 2013.

1.2.7

14. *TÍTULO:* AS DANÇAS FOLCLÓRICAS E POPULARES NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

AUTOR: *Irla Karla dos Santos Diniz, Soraia Cristina Darido.*
ANO: 2014.

15. *TÍTULO:* MÚSICA, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOR: *Renato Izidoro da Silva, Fabio Zoboli*
ANO: 2015.

16. *TÍTULO:* DANÇA NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (1979-2014)

1.2.8 *AUTOR:* *Bruna Gomes Santiago, Neil Franco*

1.2.9 ANO: 2015

- REVISTA MOVIMENTO

1. *TÍTULO:* O CONHECIMENTO NO CURRÍCULO ESCOLAR: O CONTEÚDO DANÇA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA CRÍTICA

AUTOR: *Lívia Tenorio Brasileiro*
ANO: 2002.

2. *TÍTULO:* DANÇA ESCOLAR: UMA POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOR: *Gariba Stalliviere, Chames Maria Stalliviere, Ana Franzoni.*
ANO: 2007.

3. *TÍTULO:* CARACTERIZAÇÃO DO XOTE E DO BAIÃO DANÇADOS NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

AUTOR: *Antonio Carlos de Quadros Junior, Ellen Cristina Fontes, Romualdo Dias, Catia Mary Volp*
ANO: 2009.

1.2.10

4. *TÍTULO:* A DANÇA “EN-CENA” O OUTRO: PRERROGATIVAS PARA UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA ATRAVÉS DO PROCESSO CRIATIVO

AUTOR: *Flávio Soares Alves*
ANO: 2009.

1.2.11

5. **TÍTULO:** EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DANÇA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTOR: Neusa Dendena Kleinubing, Maria do Carmo Saraiva
ANO: 2009.

6. **TÍTULO:** CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DIMENSÕES DAS BRINCADEIRAS POPULARES, DA DANÇA, DA EXPRESSÃO CORPORAL E DA GINÁSTICA

AUTOR: Ieda Parra Barbosa-Rinaldi, Larissa Michelle Lara, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira
ANO: 2009.

7. **TÍTULO:** Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia

AUTOR: Danieli Alves Pereira Marques, Aguinaldo César Surdi, José Tarcísio Grunennvaldt, ElenorKunz
ANO: 2013.

8. **TÍTULO:** BLOG EDUCACIONAL E O ENSINO DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: APROXIMAÇÕES A PARTIR DO CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO

AUTOR: Irla Karla dos Santos Diniz, Suraya Cristina Darido
ANO: 2015.

9. **TÍTULO:** ESTÉTICA, FORMAÇÃO INICIAL E DANÇA: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA...

AUTOR: Deizi Domingues da Rocha, Ricardo Rezer
ANO: 2015.

10. **TÍTULO:** EXERCÍCIOS QUALITATIVOS DE AVALIAÇÃO COM RITMO, EXPRESSÃO CORPORAL E DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

AUTOR: Flávio Soares Alves
ANO: 2016.

11. **TÍTULO:** O BRINCAR E O SE-MOVIMENTAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: REALIDADES E POSSIBILIDADES

AUTOR: Aguinaldo Cesar Surdi, Jose Pereira de Melo, ElenorKunz
ANO: 2016.

12. **TÍTULO:** RESENHA DA OBRA CINEMATOGRAFICA: TARJA BRANCA: A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA

AUTOR: Kleber Tüxen Carneiro, Maurício Bronzatto, Eliasaf Rodrigues de Assis, Alcides José Scaglia
ANO: 2016.

- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

1. **TÍTULO:** Dança e arte ou o sensível e o inteligível em Hegel e Válerý.

AUTOR: Jeferson José Moebus.
ANO: 1998.

2. **TÍTULO:** Entre o jogo e o estético e o impulso lúdico: Um ensaio de dança.

AUTOR: ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana Martins.

ANO: 2006.

3. *TITULO* Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética.

AUTOR: Maria do Carmo Saraiva.

ANO: 2014.

4. *TITULO*: Delsarte e Dalcroze: Personagem de uma dança (RE) descoberta.

AUTOR: José Rafael Madureira.

ANO: 2014

- OUTRAS REVISTAS

1. *TITULO*: Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico. Porto Alegre: ed. EST/ESEF–UFRGS, 1994.

AUTOR: Silvino Santin.

ANO: 1994

2. *TITULO*: O Processo Educacional em Jogo-Algumas Reflexões Sobre a Sublimação do Lúdico.

AUTOR: Gisele Maria Stwartz.

ANO: 1998.

3. *TITULO*: DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: VIVENDO E CONHECENDO O “FORRO”.

AUTOR: Cláudio Antônio Dias, Lígia Cristiane Morais. Gabriel H. MuñozPalafox.

ANO: 2005.

4. *TITULO*: Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.

AUTOR: Mauro Betti, Luiz Roberto Zuliani.

ANO: 2009.

**ANEXO B - ARTIGOS E SEUS RESPECTIVOS AUTORES ENCONTRADOS A PARTIR
DAS CATEGORIAS DE ANALISE A PRIORI**

REVISTA MOTRIVIVÊNCIA

- LÚDICO E A EDUCAÇÃO FÍSICA- 8 ARTIGOS

1 *TITULO:* Ancoragem da representação social da educação física escolar nas abordagens teóricas da educação física

AUTOR: *Fátima Ferreira Vasconcelos, Pedro Humberto Faria Campos*

2 *TITULO:* A prática da cultura esportiva nas aulas de Educação Física

AUTOR: *Roberta Bevilaqua de Quadros, Daniela Stefanello, Rosalvo Luis Sawitzki*

3 *TITULO:* Atividades circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer

AUTOR: *Aline de Souza Caramês, Hugo Norberto Krug, Cassiano Telles, Daiane Oliveira da Silva*

4 *TITULO:* Grupo de estudos e pesquisas Marxlute: lúdico, trabalho, tempo livre e educação

AUTOR: *Rogério Massarotto Oliveira (Coord.)*

5 *TITULO:* Cotidiano e práticas corporais infantis: o lúdico e a violência em cena

AUTOR: *Mayrhon José Abrantes Farias, Ingrid Ditttrich Wiggers*

6 *TITULO:* Cultura e esporte: uma hermenêutica visual

AUTOR: *Silvino Santin*

7 *TITULO:* Implantação da brinquedoteca enquanto espaço de produção do conhecimento em uma escola do campo: desafios e possibilidades

AUTOR: *VeraLicia Baruki, Juliane Martins Alencar, Keli Roberta Ávila Cruz*

1.2.12

1.2.13 *TITULO:* AS ANTINOMIAS DIALÉTICAS DO LAZER

1.2.14 *AUTOR:*

- ATIVIDADE LÚDICA E EDUCAÇÃO FÍSICA- 1 ARTIGO

8 *TITULO:* A catarse do espetáculo futebolístico: da arte à mercantilização

1.2.15 *AUTOR:* *Heloisa dos Santos Simon, Gilson Cruz Junior, Luciana Fiamoncini, Vanessa Gertrudes Francischi*

- FORRO NA ESCOLA – NENHUM ARTIGO ENCONTRADO

- DANÇA E A ATIVIDADE LÚDICA- NENHUM ARTIGO ENCONTRADO

- LÚDICO E DANÇA – 1 ARTIGO

1 *TITULO:* DANÇA IMPROVISAÇÃO, UMA RELAÇÃO A SER TRILHADA COM O LÚDICO

1.2.16 *AUTOR:* Ana Maria Alonso Krischke, Iracema Soares de Sousa

1.2.17

- DANÇANA ESCOLA – 20 ARTIGOS

1 *TITULO:* PET-Biomecânica: educação postural no ensino fundamental, com ênfase no equilíbrio, propriocepção e core

AUTOR: Marcelo de Maio Nascimento

1.2.18

2 *TITULO:* Dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2014)

1.2.19 *AUTOR:* Bruna Gomes Santiago, Neil Franco

1.2.20

3 *TITULO:* Em companhia do personal trainer: significados atribuídos pelos alunos ao atendimento personalizado

1.2.21 *AUTOR:* Maurício Leite da Silva, Cibele BiehlBossle, Alex Branco Fraga

1.2.22

4 *TITULO:* Os conteúdos de ensino da Educação Física escolar: um estudo de revisão nos periódicos nacionais da área 21

1.2.23 *AUTOR:* Samuel Nascimento de Araújo, Leandro Oliveira Rocha, Fabiano Bossle

1.2.24

5 *TITULO:* As manifestações sociais como contra tendência ao espetáculo olímpico de entretenimento planetário

1.2.25 *AUTOR:* Evelize Dorneles Minuzzi, Elizara Carolina Marin, Giovanni Ernst Frizzo

6 *TITULO:* Formação de professores na modalidade a distância: perfil dos egressos, permanência e saberes em um curso de Educação Física

1.2.26 *AUTOR:* DenniaPasquali, Roberto Pereira Furtado, Ari LazzarotttiFilho

7 *TITULO:* “Projeto de dança Uniguaçu”: tecendo experiências pedagógicas

AUTOR: Danieli Alves Pereira Marques, Aguinaldo César Surdi, Elenor Kunz

8 *TITULO:* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular

AUTOR: Humberto Luís de Deus Inácio, Dayse Alisson Camara Cauper, Luzia Antônia de Paula Silva, Gleison Gomes de Moraes

9 *TITULO:* O itinerário de um atleta olímpico não medalhista: Willy Seewald (*1900+1929)

AUTOR: Janice ZarpellonMazo, Carolina Fernandes da Silva, Anderson da Cunha Baia

10 *TITULO:* Cultura corporal na pauta do jornal: notas de uma análise a partir do "Programa AN Escola"

AUTOR: Daniel Minuzzi de Souza

11 *TITULO:* EDUCAÇÃO FÍSICA E FAMÍLIA: construindo aproximações por meio da dança na escola

AUTOR: Andresa Silveira Soares, Maria do Carmo Saraiva, José LuisCirqueiraFalcão

12 *TITULO:* A Educação Física no “novo” Ensino Médio: a ascensão do notório saber e o retorno da visão atlética e “esportivizante” da vida
AUTOR: Gabriel Carvalho Bungenstab, Ari LazzarottiFilho

13 *TITULO:* ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DAS AULAS DE DANÇA IMPROVISAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL
AUTOR: Queila Silva, Marcelo Victor Rosa

14 *TITULO:* Impacto das atividades esportivas, informática e música sobre a vida de alunos de escola com educação em tempo integral
AUTOR: Daianne Pedrosa da Silva, Maritza Alves de Souza Coura, Roberto Nóbrega, José Fernando Vila Nova de Moraes, Carmen Sílvia GrubertCampbell

15 *TITULO:* A produção científica no CBCE/CONBRACE: a formação continuada de 2007 a 2013 em foco
AUTOR: Deiva Mara Delfini Batista, Deisy de Oliveira Silva, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Ieda Parra Barbosa Rinaldi

16 *TITULO:* EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: a difícil e incontornável relação teoria e prática
AUTOR: Paulo Evaldo Fensterseifer, Fernando Jaime González

17 *TITULO:* DANÇANDO NA ESCOLA, POLITIZANDO A DANÇA: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO DANÇA ESCOLAR DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ
AUTOR: Elaine Cristina Pereira Lima, Luciana Fiamoncini

18 *TITULO:* AS DANÇAS FOLCLÓRICAS E POPULARES NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: possibilidades e desafios
AUTOR: Sílvia PavesiSborquia, Marcos Garcia Neira

19 *TITULO:* CULTURA, CORPO E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE AS DIMENSÕES LOCAIS E UNIVERSAL NA ÉPOCA GLOBAL
AUTOR: Teodora de Araújo Alves
 1.2.27

20 *TITULO:* Fundamentos teórico-metodológicos para a dança na Educação Física
AUTOR: Andresa Silveira Soares, Maria Do Carmo Saraiva

- DANÇA E O JOGO- 2 ARTIGO

1 *TITULO:* DANÇA IMPROVISAÇÃO, UMA RELAÇÃO A SER TRILHADA COM O LÚDICO
AUTOR: Ana Maria Alonso Krischke, Iracema Soares de Sousa

2 *TITULO:* A educação física precisa do jogo?
AUTOR: Alcyane Marinho

- DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA-28 ARTIGOS

1. *TITULO:* PET-Biomecânica: educação postural no ensino fundamental, com ênfase no equilíbrio, propriocepção e core
AUTOR: *Marcelo de Maio Nascimento*
2. *TITULO:* As danças folclóricas no currículo de Educação Física do estado de São Paulo: a elaboração de um blog
AUTOR: *Irla Karla dos Santos Diniz, Suraya Cristina Darido*
3. *TITULO:* As manifestações sociais como contratendência ao espetáculo olímpico de entretenimento planetário
AUTOR: *Evelize Dorneles Minuzzi, Elizara Carolina Marin, Giovanni Ernst Frizzo*
4. *TITULO:* A busca pelos saberes sociais na formação de professores de Educação Física: uma análise das atividades complementares dos egressos da FEFD
AUTOR: *Daniel Silva Monteiro, Bárbara Isabela Soares de Souza, Ari LazzarottiFilho*
5. *TITULO:* Música, corpo e Educação Física
AUTOR: *Renato Izidoro da Silva, Fabio Zoboli*
6. *TITULO:* Formação de professores na modalidade a distância: perfil dos egressos, permanência e saberes em um curso de Educação Física
AUTOR: *DenniaPasquali, Roberto Pereira Furtado, Ari LazzarottiFilho*
7. *TITULO:* Os conteúdos de ensino da Educação Física escolar: um estudo de revisão nos periódicos nacionais da área 21
AUTOR: *Samuel Nascimento de Araújo, Leandro Oliveira Rocha, Fabiano Bossle*
8. *TITULO:* Impacto das atividades esportivas, informática e música sobre a vida de alunos de escola com educação em tempo integral
AUTOR: *Daianne Pedrosa da Silva, Maritza Alves de Souza Coura, Roberto Nóbrega, José Fernando Vila Nova de Moraes, Carmen Sílvia GrubertCampbell*
9. *TITULO:* A produção científica no CBCE/CONBRACE: a formação continuada de 2007 a 2013 em foco
AUTOR: *Deiva Mara Delfini Batista, Deisy de Oliveira Silva, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Ieda Parra Barbosa Rinaldi*
10. *TITULO:* Dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2014)
AUTOR: *Bruna Gomes Santiago, Neil Franco*

11. *TITULO:* Em companhia do personaltrainer: significados atribuídos pelos alunos ao atendimento personalizado
AUTOR: *Maurício Leite da Silva, Cibele BiehlBossle, Alex Branco Fraga*

12. *TITULO:* Base Nacional Comum Curricular para a área de linguagens e o componente curricular Educação Física
AUTOR: *Anegleyce Teodoro Rodrigues*

13. *TITULO:* A Educação Física no “novo” Ensino Médio: a ascensão do notório saber e o retorno da visão atlética e “esportivizante” da vida
AUTOR: *Gabriel Carvalho Bungenstab, Ari LazzarottiFilho*

14. *TITULO:* Jogos eletrônicos de movimento: esporte ou simulação na percepção de jovens?
AUTOR: *Ana Paula Salles da Silva, Ana Márcia Silva*

15. *TITULO:* Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular
AUTOR: *Humberto Luís de Deus Inácio, Dayse Alisson CamaraCauper, Luzia Antônia de Paula Silva, Gleison Gomes de Moraes*

16. *TITULO:* Sport: uma concepção emergente no jornal Kolonie
AUTOR: *Alice Beatriz Assmann, Janice ZarpellonMazo, Carolina Fernandes da Silva*

17. *TITULO:* A participação de meninos e meninas nos projetos sociais da fundação municipal de esportes de Florianópolis
AUTOR: *Julia Mara Pegoraro Silvestrin, Maria do Carmo Oliveira Saraiva*

18. *TITULO:* Sociabilidades de mulheres na várzea: ensaio etnográfico acerca de relações de gêneros num circuito de futebol de Porto Alegre
AUTOR: *Mauro Myskiw*

19. *TITULO:* O itinerário de um atleta olímpico não medalhista: Willy Seewald (*1900+1929)
AUTOR: *Janice Zarpellon Mazo, Carolina Fernandes da Silva, Anderson da Cunha Baia*

20. *TITULO:* Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas
AUTOR: *Adriana Martins Correia, Carlos Alberto Figueiredo da Silva, Nilda Teves Ferreira*

21. *TITULO:* EDUCAÇÃO FÍSICA E FAMÍLIA: construindo aproximações por meio da dança na escola
AUTOR: *Andresa Silveira Soares, Maria do Carmo Saraiva, José Luis Cirqueira Falcão*

22. *TÍTULO:* “Projeto de dança Uniguaçu”: tecendo experiências pedagógicas
AUTOR: *Danieli Alves Pereira Marques, Aguinaldo César Surdi, ElenorKunz*

23. *TÍTULO:* ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DAS AULAS DE DANÇA IMPROVISAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL
AUTOR: *Queila Silva, Marcelo Victor Rosa*

24. *TÍTULO:* O ENSINO DO CONTEÚDO DANÇA NA 5ª E 6ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DA DANÇA FOLCLÓRICA E DA DANÇA DE RUA
AUTOR: *Daiane Grando, Ilma Célia Ribeiro Honorato*

25. *TÍTULO:* Motivação de crianças e adolescentes praticantes de esportes em projetos de inclusão social do Rio de Janeiro
AUTOR: *Darla de Carvalho Barreto, Rodrigo Silva Perfeito*

26. *TÍTULO:* AS DANÇAS FOLCLÓRICAS E POPULARES NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: possibilidades e desafios
AUTOR: *Silvia PavesiSborquia, Marcos Garcia Neira*

27. *TÍTULO:* A educação somática e os conceitos de descondicionamento gestual, autenticidade e tecnologia interna DOI:10.5007/2175-8042.2011v23n36p306
AUTOR: *Debora Pereira Bolsanello*

28. *TÍTULO:* Cultura corporal na pauta do jornal: notas de uma análise a partir do "Programa AN Escola"
 1.2.28 *AUTOR:* *Daniel Minuzzi de Souza*

REVISTA MOVIMENTO

- LÚDICO E A EDUCAÇÃO FÍSICA – 2 ARTIGOS

1. *TÍTULO:* RESENHA DA OBRA CINEMATOGRAFICA: TARJA BRANCA: A REVOLUÇÃO QUE FALTAVA
AUTOR: *Kleber Tüxen Carneiro, Maurício Bronzatto, Eliasaf Rodrigues de Assis, Alcides José Scaglia*

2. *TÍTULO:* PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO: ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE MARINGÁ
AUTOR: *Maauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Ana Luíza Barbosa Anversa, Fabiane Castilho Teixeira, Nadia Maria QualioBraz*

- ATIVIDADE LÚDICA E A EDUCAÇÃO FÍSICA –1 ARTIGO

1.2.29

1. *TÍTULO:* Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) e Academias de Ginástica: motivos de aderência e benefícios advindos da prática
AUTOR: *Alexander Klein Tahara, Sandro Carnicelli Filho*

- FORRO NA ESCOLA- 1 ARTIGO

1. *TITULO:* Caracterização do Xote e do Baião dançados no interior do Estado de São Paulo

AUTOR: Antonio Carlos de Quadros Junior, Ellen Cristina Fontes, Romualdo Dias, Catia Mary Volp

- DANÇA E A ATIVIDADE LÚDICA- NENHUM

- LÚDICO E DANÇA- NENHUM

- DANÇA NA ESCOLA- 30 ARTIGOS

1.2.30

1. *TITULO:* A dança “en-cena” o Outro: prerrogativas para uma educação estética através do processo criativo

AUTOR: Flávio Soares Alves

2. *TITULO:* CECY FRANCK: DANÇANDO COM PILATES

AUTOR: Patrícia Fernandes, Christiane Garcia Macedo, Aline Nogueira Haas

3. *TITULO:* ENSINO DE DANÇA EM PROGRAMAS NACIONAIS NO BRASIL E PORTUGAL

AUTOR: Maria João Alves, Adriana de Faria Gehres, Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro, Livia Tenorio Brasileiro

1.2.31

4. *TITULO:* “DANÇAR DÓI, MAS DÓI MAIS QUANDO ESTOU PARADA”: REFLEXÕES SOBRE O CORPO NA DANÇA

AUTOR: Vanda Nascimento

5. *TITULO:* A RACIONALIDADE BIOMÉDICA DESPORTIVA E A MATERIALIZAÇÃO DO FAZER CIENTÍFICO NA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS

AUTOR: Cibele Biehl Bossle, Alex Branco Fraga

1.2.32

6. *TITULO:* A inserção da regulamentação da profissão na área de educação física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas

AUTOR: Marco Bettine Almeida, Paulo César Montagner, Gustavo Luis Gutierrez

1.2.33

7. *TITULO:* Caracterização do Xote e do Baião dançados no interior do Estado de São Paulo

AUTOR: Antonio Carlos de Quadros Junior, Ellen Cristina Fontes, Romualdo Dias, Catia Mary Volp

1.2.34

8. *TITULO:* “DANÇARINOS SACERDOTES” NA LITURGIA CRISTÃ: UM REGISTRO DE CONFLITOS CULTURAIS NA DANÇA LITÚRGICA

AUTOR: Bertyza Carvalho Falção Fernandes, Fábio Luís Santos Teixeira, Iraquitan de Oliveira Caminha

9. *TITULO:* RESENHA DO LIVRO MEMÓRIAS DE CIBELE: CAMINHOS TRILHADOS, EXPERIÊNCIAS CORPORAIS E IDENTIDADE DOCENTE

AUTOR: Fabiano Bossle, Cibele Biehl Bossle, Elisandro Schultz Wittizorecki

10. *TÍTULO: FACES DA GYMNASTICA E DA EDUCAÇÃO PHYSICA NAS ESCOLAS DO RIO GRANDE DO SUL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX*
AUTOR: Vanessa Bellani Lyra, Janice ZarpellonMazo, TuanyDefaveriBegossi
11. *TÍTULO: ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS EDITORIAIS: 15 ANOS DE UM IMPRESSO EM MOVIMENTO*
AUTOR: Omar Schneider, Amarílio Ferreira Neto, Ana Claudia Silverio Nascimento, Wagner dos Santos
12. *TÍTULO: ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XXI: PANORAMA E PERSPECTIVAS**
AUTOR: Cleber Dias, Oromar Augusto dos Santos Nascimento, Marcos Dittmar Buba, Ari Lazzarotti Filho
13. *TÍTULO: A PESQUISA COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*
AUTOR: Samara Queiroz do Nascimento Florêncio, Pierre Normando Gomes-da-Silva
14. *TÍTULO: ESCOLARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: O SILÊNCIO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*
AUTOR: Aline Silva Nicolino, Marlucy Alves Paraíso
15. *TÍTULO: CORPO, ESTÉTICA E IDEOLOGIA: UM DIÁLOGO COM A IDEIA DE BELEZA NATURAL*
AUTOR: Tadeu João Ribeiro Baptista, Sílvia Rosa da Silva Zanolla
16. *TÍTULO: A EXPERIÊNCIA DE DISCURSOS NA DANÇA E NA EDUCAÇÃO SOMÁTICA*
AUTOR: SylvieFortin, Adriane Vieira, MartyneTremblay
 1.2.35
17. *TÍTULO: A Visão De Corpo na Perspectiva de Graduandos em Educação Física: Fragmentada ou Integrada?*
AUTOR: Alan Camargo Silva, Sílvia M. AgattiLüdorf, Fernanda Azevedo Gomes da Silva, Alexandre Palma
 1.2.36
18. *TÍTULO: FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE PÚBLICA: PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA*
AUTOR: Ricardo Lira de Rezende Neves, Luis Otávio Teles Assumpção
 1.2.37
19. *TÍTULO: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DANÇA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL*
AUTOR: Neusa DendenaKleinubing, Maria do Carmo Saraiva
 1.2.38
20. *TÍTULO: ESPETÁCULO "VELOX": RISCO-AVENTURA NA DANÇA CONTEMPORÂNEA DE DEBORAH COLKER.*
AUTOR: Eline Silva Fonseca, Vera Lúcia Menezes Costa
 1.2.39
21. *TÍTULO: O INSTITUTO DE CULTURA FÍSICA DE PORTO ALEGRE/RS E SUAS PRÁTICAS CORPORAIS (1928-1937)*
AUTOR: Mônica Fagundes Dantas, Carolina Dias, Janice ZarpellonMazo
 1.2.40
22. *TÍTULO: O conhecimento no currículo escolar: o conteúdo dança em aulas de educação física na perspectiva crítica*
AUTOR: LiviaTenorio Brasileiro

1.2.41

23. *TÍTULO: AS EXPERIÊNCIAS NO ÂMBITO DO LAZER E O PRINCÍPIO DA INÉRCIA: Uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos*

AUTOR: Aline Tschoke, Simone Rechia, Karine do Rocio Vieira dos Santos, Flavia Gonzaga Lopes Vieira, LuizeMoro

1.2.42

24. *TÍTULO: Crianças Com Dificuldades Motoras: Questões Para a Conceituação do Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação*

AUTOR: Luiz Eduardo Bastos Pinto Tourinho Dantas, Edison de Jesus Manoel

1.2.43

25. *TÍTULO: IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS ANTERIORES NA VOCAÇÃO E ELEIÇÃO DO GRAU DE PROFESSOR COM MENÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA*

AUTOR: SebastiánFeu, Manuel Vizuet, Ernesto De la Cruz-Sánchez, AmaliaGragera-Alonso

1.2.44

26. *TÍTULO: PRÁTICAS CORPORAIS E GRANDE SAÚDE: UM ENCONTRO POSSÍVEL*

AUTOR: Flávio Soares Alves, Yara Maria de Carvalho

1.2.45

27. *TÍTULO: AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO É LUGAR DE ESTUDAR O CORPO!?*

AUTOR: SilvaneFensterseiferlsse

1.2.46

28. *TÍTULO: O BRINCAR E O SE-MOVIMENTAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: REALIDADES E POSSIBILIDADES*

AUTOR: Aguinaldo Cesar Surdi, Jose Pereira de Melo, ElenorKunz

1.2.46.1

29. *TÍTULO: CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DIMENSÕES DAS BRINCADEIRAS POPULARES, DA DANÇA, DA EXPRESSÃO CORPORAL E DA GINÁSTICA*

AUTOR: Ieda Parra Barbosa-Rinaldi, Larissa Michelle Lara, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

30. *TÍTULO: Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física*

AUTOR: GARIBASTalliviere, Chames Maria Stalliviere, Ana Franzoni.

ANO: 2007.

- DANÇA E O JOGO- 3 ARTIGOS

1. *TÍTULO: A inserção da regulamentação da profissão na área de educação física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas*

AUTOR: Marco Bettine Almeida, Paulo César Montagner, Gustavo LuisGutierrez

1.2.47

2. *TÍTULO: A PESQUISA COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*

AUTOR: Samara Queiroz do Nascimento Florêncio, Pierre Normando Gomes-da-Silva

1.2.48

3. *TÍTULO: Arqueologia Das Práticas Editoriais: 15 Anos de um Impresso Em Movimento*

AUTOR: Omar Schneider, Amarílio Ferreira Neto, Ana Claudia Silverio Nascimento, Wagner dos Santos

DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA – 34 ARTIGOS

1. **TÍTULO:** A SOCIALIZAÇÃO PROFISSIONAL DO TREINADOR ESPORTIVO COMO UM PROCESSO FORMATIVO DE AQUISIÇÃO DE SABERES
AUTOR: Heitor de Andrade Rodrigues, Roberto Rodrigues Paes, Samuel de Souza Neto
1.2.49
2. **TÍTULO:** A Visão De Corpo na Perspectiva de Graduandos em Educação Física: Fragmentada ou Integrada?
AUTOR: Alan Camargo Silva, Sílvia M. AgattiLüdorf, Fernanda Azevedo Gomes da Silva, Alexandre Palma
3. **TÍTULO:** A inserção da regulamentação da profissão na área de educação física, dez anos depois: embates, debates e perspectivas
AUTOR: Marco Bettine Almeida, Paulo César Montagner, Gustavo LuisGutierrez
4. **TÍTULO:** BLOG EDUCACIONAL E O ENSINO DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: APROXIMAÇÕES A PARTIR DO CURRÍCULO DO ESTADO DE SÃO PAULO
AUTOR: Irla Karla dos Santos Diniz, Suraya Cristina Darido
5. **TÍTULO:** A RACIONALIDADE BIOMÉDICA DESPORTIVA E A MATERIALIZAÇÃO DO FAZER CIENTÍFICO NA MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS
AUTOR: Cibele BiehlBossle, Alex Branco Fraga
6. **TÍTULO:** OS KAINGANG DO IVAÍ, SUAS DANÇAS E A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
AUTOR: Juliana Dias Boaretto, Giuliano Gomes de Assis Pimentel
7. **TÍTULO:** Arqueologia Das Práticas Editoriais: 15 Anos de um Impresso Em Movimento
AUTOR: Omar Schneider, Amarílio Ferreira Neto, Ana Claudia Silverio Nascimento, Wagner dos Santos
8. **TÍTULO:** ENSINO DE DANÇA EM PROGRAMAS NACIONAIS NO BRASIL E PORTUGAL
AUTOR: Maria João Alves, Adriana de Faria Gehres, Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro, Livia TenorioBrasileiro
9. **TÍTULO:** “DANÇARINOS SACERDOTES” NA LITURGIA CRISTÃ: UM REGISTRO DE CONFLITOS CULTURAIS NA DANÇA LITÚRGICA
AUTOR: Bertyza Carvalho Falção Fernandes, Fábio Luís Santos Teixeira, Iraquitan de Oliveira Caminha
10. **TÍTULO:** ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XXI: PANORAMA E PERSPECTIVAS*
AUTOR: Cleber Dias, Oromar Augusto dos Santos Nascimento, Marcos Dittmar Buba, Ari Lazzarotti Filho
11. **TÍTULO:** ESTÉTICA, FORMAÇÃO INICIAL E DANÇA: UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA...
AUTOR: Deizi Domingues da Rocha, Ricardo Rezer

12. *TÍTULO: EXERCÍCIOS QUALITATIVOS DE AVALIAÇÃO COM RITMO, EXPRESSÃO CORPORAL E DANÇA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA*
AUTOR: Flávio Soares Alves
13. *TÍTULO: A dança “en-cena” o Outro: prerrogativas para uma educação estética através do processo criativo*
AUTOR: Flávio Soares Alves
14. *TÍTULO: FEMINILIDADES E MASCULINIDADES NA CENA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DO ESPETÁCULO CAMINHO DA SEDA – RAÇA CIA DE DANÇA DE SÃO PAULO*
AUTOR: Marília Del Ponte de Assis, Danieli Alves Pereira Marques, Odilon José Roble, Maria do Carmo Saraiva
15. *TÍTULO: FACES DA GYMNASTICA E DA EDUCAÇÃO PHYSICA NAS ESCOLAS DO RIO GRANDE DO SUL NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX*
AUTOR: Vanessa Bellani Lyra, Janice ZarpellonMazo, TuanyDefaveriBegossi
16. *TÍTULO: A PESQUISA COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*
AUTOR: Samara Queiroz do Nascimento Florêncio, Pierre Normando Gomes-da-Silva
17. *TÍTULO: CECY FRANCK: DANÇANDO COM PILATES*
AUTOR: Patrícia Fernandes, Christiane Garcia Macedo, Aline Nogueira Haas
18. *TÍTULO: FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE PÚBLICA: PERCEPÇÕES DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA*
AUTOR: Ricardo Lira de Rezende Neves, Luis Otávio Teles Assumpção
19. *TÍTULO: CORPO, ESTÉTICA E IDEOLOGIA: UM DIÁLOGO COM A IDEIA DE BELEZA NATURAL*
AUTOR: Tadeu João Ribeiro Baptista, Sílvia Rosa da Silva Zanolla
20. *TÍTULO: ESCOLARIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: O SILÊNCIO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*
AUTOR: Aline Silva Nicolino, Marlucy Alves Paraíso
21. *TÍTULO: RESENHA DO LIVRO MEMÓRIAS DE CIBELE: CAMINHOS TRILHADOS, EXPERIÊNCIAS CORPORAIS E IDENTIDADE DOCENTE*
AUTOR: Fabiano Bossle, Cibele BiehlBossle, Elisandro Schultz Wittizorecki
22. *TÍTULO: A (RE)DESCOBERTA DE SI: IMPLICAÇÕES E APRENDIZAGENS PRODUZIDAS A PARTIR DO PROJETO “CUIDADORES QUE DANÇAM”*
AUTOR: Erineusa Maria da Silva, Bianca Carminati Schmidt, Maria das Graças Carvalho Silva de Sá, José Francisco Chicon
23. *TÍTULO: Caracterização do Xote e do Baião dançados no interior do Estado de São Paulo*
AUTOR: Antonio Carlos de Quadros Junior, Ellen Cristina Fontes, Romualdo Dias, Catia Mary Volp
24. *TÍTULO: A CONTRIBUIÇÃO DA ETNOMETODOLOGIA PARA OS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA*
AUTOR: Carlos Alberto Figueiredo da Silva, Fabiano PriesDevide, Michelle Rodrigues Ferraz, Inês Petereit, Leonardo Morjan Britto Peçanha

25. *TÍTULO: IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS ANTERIORES NA VOCAÇÃO E ELEIÇÃO DO GRAU DE PROFESSOR COM MENÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA*
AUTOR: Sebastián Feu, Manuel Vizuete, Ernesto De la Cruz-Sánchez, Amalia Gragera-Alonso

26. *TÍTULO: AS EXPERIÊNCIAS NO ÂMBITO DO LAZER E O PRINCÍPIO DA INÉRCIA: Uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos*
AUTOR: Aline Tschoke, Simone Rechia, Karine do Rocio Vieira dos Santos, Flavia Gonzaga Lopes Vieira, LuizeMoro

1.2.50

27. *TÍTULO: PRÁTICAS CORPORAIS E GRANDE SAÚDE: UM ENCONTRO POSSÍVEL*
AUTOR: Flávio Soares Alves, Yara Maria de Carvalho

28. *TÍTULO: EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DANÇA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES NO ENSINO FUNDAMENTAL*
AUTOR: NeusaDendenaKleinubing, Maria do Carmo Saraiva

29. *TÍTULO: EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DA DANÇA EM CENÁRIOS NÃO ESCOLARES NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX (DÉCADAS DE 1810-1850)*
AUTOR: Victor Andrade Melo

30. *TÍTULO: O BRINCAR E O SE-MOVIMENTAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL: REALIDADES E POSSIBILIDADES*
AUTOR: Aguinaldo Cesar Surdi, Jose Pereira de Melo, ElenorKunz

31. *TÍTULO: CONTRIBUIÇÕES AO PROCESSO DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: DIMENSÕES DAS BRINCADEIRAS POPULARES, DA DANÇA, DA EXPRESSÃO CORPORAL E DA GINÁSTICA*
AUTOR: Ieda Parra Barbosa-Rinaldi, Larissa Michelle Lara, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira

32. *TÍTULO: Dança e expressividade: uma aproximação com a fenomenologia*
AUTOR: Danieli Alves Pereira Marques, Aguinaldo César Surdi, José Tarcísio Grunennvaldt, ElenorKunz

33. *TÍTULO: Crianças Com Dificuldades Motoras: Questões Para a Conceituação do Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação*
AUTOR: Luiz Eduardo Bastos Pinto Tourinho Dantas, Edison de Jesus Manoel

34. *TÍTULO: AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO É LUGAR DE ESTUDAR O CORPO!?*
AUTOR: Silvane FensterseiferlSse

- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

1. *TÍTULO: Entre o jogo e o estético e o impulso lúdico: Um ensaio de dança.*
AUTOR: ASSIS, Monique; CORREIA, Adriana Martins.
 ANO: 2006.

2. *TÍTULO: Elementos para uma concepção do ensino de dança na escola: a perspectiva da educação estética.*
AUTOR: Maria do Carmo Saraiva.
 ANO: 2014.

3. *TITULO:* Delsarte e Dalcroze: Personagem de uma dança (RE) descoberta.
AUTOR: José Rafael Madureira.
ANO: 2014

4. *TITULO:* Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência.
AUTOR: Mauro Betti.
ANO: 2005

● OUTROS ARTIGOS

1. *TITULO:* Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico. Porto Alegre: ed. EST/ESEF–UFRGS, 1994.
AUTOR: Silvino Santin.
ANO: 1994

2. *TITULO:* O Processo Educacional em Jogo-Algumas Reflexões Sobre a Sublimação do Lúdico.
AUTOR: Gisele Maria Stwartz.
ANO: 1998.

3. *TITULO:* Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.
AUTOR: Mauro Betti, Luiz Roberto Zuliani.
ANO: 2009.

4. *TITULO:* DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA: VIVENDO E CONHECENDO O “FORRO”.
AUTOR: Cláudio Antônio Dias, Ligia Cristiane Morais. Gabriel H. MuñozPalafox.
ANO: 2005.